

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

DAYANE SILVA PESSÔA

CENTRO CULTURAL E DE LAZER DE SÃO LUÍS – ESTAÇÃO CULTURA

São Luís/MA
2013

DAYANE SILVA PESSÔA

CENTRO CULTURAL E DE LAZER DE SÃO LUÍS – ESTAÇÃO CULTURA

Trabalho final de graduação
apresentado ao Curso de Arquitetura
e Urbanismo da Universidade
Estadual do Maranhão como parte do
requisito para obtenção de grau de
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof^a Dra. Marcia
Tereza Campos Marques

São Luís/MA
2013

Pessoa, Dayane Silva.

Centro cultural e de lazer de são luís-estação cultura / Dayane Silva
Pessoa.– São Luís, 2013.

105 f

Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo ,
Universidade Estadual do Maranhão, 2013.

Orientador: Profa.Dra.Marcia Teresa Campos Marques.

1.Centro cultural. 2.Reabilitação. 3.Edifício histórico. I.Título

CDU: 7.02

DAYANE SILVA PESSÔA

CENTRO CULTURAL E DE LAZER DE SÃO LUÍS – ESTAÇÃO CULTURA

Aprovado em: _____ / _____ / _____

Prof^a Dra. Marcia Tereza Campos Marques
(Orientadora)

Prof. Alex Oliveira de Sousa
(Examinador Interno)

Arq. Bruno Charles de Souza
(Examinador Externo)

*Dedico este trabalho à memória da minha mãe,
Raquel da Conceição Silva Pessôa, pelo amor
incondicional, carinho e o apoio que ela me deu
durante a sua vida terrena.*

AGRADECIMENTOS

À Deus e a Meishu-Sama, por ter me dado a permissão de me graduar no curso de Arquitetura e Urbanismo.

Aos meus pais, pela atenção e apoio.

À minha avó, Maria Ozana, pelo carinho e apoio.

À minha irmã, Danyele, pelo apoio e paciência.

Aos meus demais familiares, principalmente as minhas tias Doracy Pessôa e Vera Lúcia Costa, pela atenção e o apoio.

À minha orientadora, prof. Marcia Marques, pelo apoio, paciência e orientação.

Aos funcionários do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAM/MA, em especial ao engenheiro Sr. Abreu, pela colaboração e orientação.

Aos funcionários do Departamento de Patrimônio Histórico Artístico e Paisagístico do Maranhão – DPHAP/MA, pela colaboração.

Ao segundo metre do Restaurante Dom Sebastião do Brisa Mar Hotel, George Gomes Mendanha, pela colaboração.

À todos os meus amigos, pelo incentivo e o apoio.

RESUMO

O trabalho apresenta uma proposta de reabilitação do conjunto edificado da antiga Estação Ferroviária da RFFSA – localizado na Avenida Beira-Mar no centro de São Luís – e que atualmente abriga parte da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Maranhão, por meio da implantação de um centro cultural e de lazer com a finalidade de recuperar e preservar um patrimônio histórico e arquitetônico, assim como promover cultura e lazer à sociedade ludovicense.

Palavras-chaves: reabilitação, intervenção, estação ferroviária, centro cultural e de lazer.

ABSTRACT

The study presents a proposal for rehabilitation of the building complex of the former RFFSA's Railway Station - located on Beira Mar Avenue in downtown São Luís - which currently houses part of Maranhão Department of Public Safety, through the implantation of a cultural and leisure center in order to recover and preserve its historic and architectural heritage, and to promote culture and recreation for São Luís society.

Keywords: rehabilitation, intervention, railway station, cultural and leisure center.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 01 – Vista do Centro Cultural George Pompidou com a Praça *Beaubourg*.
- Figura 02 – Mapa de acesso do George Pompidou.
- Figura 03 – Setorização do prédio principal.
- Figura 04 - Instituto de Pesquisa e Coordenação de Música e Acústica.
- Figura 05 – Corte longitudinal do IRCAM.
- Figura 06 – Estrutura da construção aparente.
- Figura 07 – Fachada do Centro Cultural do Jabaquara.
- Figura 08 – Entrada da Biblioteca Paulo Duarte.
- Figura 09 – Vista aérea do Centro Cultural São Paulo.
- Figura 10 – Planta baixa do Centro Cultural São Paulo – ponta norte.
- Figura 11 – Planta baixa do Centro Cultural São Paulo – ponta sul.
- Figura 12 – Vista aérea do SESC Pompéia.
- Figura 13 – Vista aérea da Fábrica da Pompéia antes da reforma na década de 1970.
- Figura 14 – Vista do *solarium* com duas torres de concreto ligadas por passarelas ao fundo.
- Figura 15 – Planta Baixa do SESC Pompéia.
- Figura 16 – Fachada principal do Centro de Criatividade Odylo Costa Filho.
- Figura 17 – Interior do Teatro Alcione Nazaré.
- Figura 18 – Vista aérea da Estação das Docas.
- Figura 19 – Vista aérea da área do porto e Baía do Guajará no ano de 1909.
- Figura 20 – Perspectiva da Estação das Docas com espaços identificados.

Figura 21 – Área externa da Estação das Docas com a baía do Guajará ao fundo.

Figura 22 – Interior de um dos galpões (Galpão 1).

Figura 23 – Vista externa do Centro Cultural de Araras.

Figura 24 – Estado de conservação da edificação antes da reforma.

Figura 25 – Plataforma da estação: antes da reforma.

Figura 26 – Plataforma da estação: depois da reforma.

Figura 27 – Planta baixa do Projeto de reabilitação do Centro Cultural de Araras.

Figura 28 – Antes da reforma dos galpões que hoje abrigam um salão de exposições e auditório.

Figura 29 – Depois da reforma dos galpões que hoje abrigam um salão de exposições e auditório.

Figura 30 – Vista exterior do Centro Cultural do Araripe.

Figura 31 – Salão de exposições do Centro Cultural do Araripe.

Figura 32 – Biblioteca do Centro Cultural do Araripe.

Figura 33 – Estação ferroviária de São Luís sendo construída na década de 1920.

Figura 35 – Vista aérea do antigo pátio de São Luís na década de 1970.

Figura 36 – Vista do edifício principal e armazém no ano de 1930.

Figura 37 – Cartão Postal emitido por Livraria Moderna. Estação João Pessoa na década de 1930.

Figura 38 – Fachada principal da estação na década de 1950, após a ampliação do último pavimento.

Figura 39 – Fachada Principal da antiga estação ferroviária.

Figura 40 – Pórtico de entrada do prédio principal.

Figura 41 – Portão de entrada em ferro trabalhado.

Figura 42– Vista da arcada em arco pleno.

Figura 43 – Vista do corredor externo com aberturas circulares (óculos) no mezanino.

Figura 44 – Fachada Posterior do prédio principal.

Figura 45 – Antiga plataforma de embarque e desembarque.

Figura 46 – Fachada lateral hoje parcialmente coberta por um anexo.

Figura 47 – Vista dos elementos que ornamentam as fachadas.

Figura 48 – Antigo armazém e depósito da Estação João Pessoa.

Figura 49 – Vista do galpão que liga o antigo armazém ao prédio principal.

Figura 50 – Vista do prédio de construção mais recente.

Figura 51 – Conjunto pertencente à Secretaria de Segurança Pública do Estado.

Figura 52 – Departamento de Narcóticos (Denarc).

Figura 53 – Fachada posterior do anexo com destaque para manchas provocadas por sujeira, umidade e biodeteriorização.

Figura 54 – Porta de acesso ao Plantão Central pela Av. Beira-mar com destaque para descolamento da pintura.

Figura 55 – Fachada da Delegacia do Idoso, Plantão Central e Denarc.

Figura 56 – Recepção da Delegacia Fazendária.

Figura 57 – Sala de espera da Delegacia Fazendária.

Figura 58 – Vista de parte da divisória e teto do hall de entrada.

Figura 59 – Vista do piso e bancadas do hall de entrada.

Figura 60 – Vista de móveis e materiais de escritório abandonados.

Figura 61 – Vista de computadores e outros eletroeletrônicos quebrados deixados no local.

Figura 62 – Vista de um das janelas duplas no primeiro pavimento.

Figura 63 – Vista das esquadrias originais em madeira e vidro mantida.

Figura 64 – Portas originais em madeira com bandeira arqueada em madeira e vidro, porém adicionado visores de vidro em algumas.

Figura 65 – Vista de porta original e instalações elétricas e telefônicas aparentes.

Figura 66 – Piso de ladrilho hidráulico no corredor do primeiro pavimento

Figura 67 – Vista do corredor do primeiro pavimento.

Figura 68 – Vista de um dos tipos de moldura de teto.

Figura 69 – Vista da sanca de gesso presentes no primeiro pavimento.

Figura 70 – Patologias presentes em uma das salas do edifício.

Figura 71 – Salas abandonadas servindo de depósito de lixo e produtos falsificados 1.

Figura 72 – Salas abandonadas servindo de depósito de lixo e produtos falsificados 2.

Figura 73 – Vista de moveis abandonados e parte do forro de PVC.

Figura 74 – Vista de janelas com adaptação para suporte de ar condicionado com vidros cobertos com plástico preto para filtração de a luz solar.

Figura 75 – Vista de janelas com adaptação para suporte de ar condicionado com vidros cobertos com papel pardo para filtração de a luz solar.

Figura 76 – Patologias construtivas comuns no segundo pavimento.

Figura 77 – Acesso ao elevador no primeiro andar.

Figura 78 – Lance da escada lateral direita.

Figura 79 – Detalhe da meia-parede com textura.

Figura 80 – Porta-corpo de balaústre da escada lateral esquerda.

Figura 81 – Vista dos lances da escada lateral esquerda.

Figura 82 – Vista da escada de acesso ao segundo andar.

Figura 83 – Vista dos degraus em madeira parcialmente cobertos com piso de borracha.

Figura 84 – Patologias construtivas da fachada principal.

Figura 85 – Sujeira, umidade, biodeteriorização, eflorescência e descolamento de pintura.

Figura 86– Piso em ladrilho hidráulico do corredor externo.

Figura 87 – Vista dos vãos da arcada fechados com grades.

Figura 88 – Janela protegida por grade localizada no corredor externo direito.

Figura 89 – Piso presente no pórtico de entrada.

Figura 90 – Poste ornamental presente no pórtico de entrada.

Figura 91 – Situação atual da fachada posterior.

Figura 92 – Vista da estrutura da cobertura da antiga plataforma de passageiros.

Figura 93 – Vãos fechados com alvenaria com suportes para ar condicionados.

Figura 94 – Mapa do Centro Histórico de São Luís com as delimitações das áreas protegidas.

Figura 95 – Setorização dos Ambientes da Estação Cultura.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Pré-dimensionamento dos ambientes.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Denarc – Departamento de Narcóticos.

DPHAP/MA – Departamento de Patrimônio Histórico Artístico e Paisagístico do Maranhão.

IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

IRCAM – *Institut de Recherche et Coordination Acoustique/Musique*.

LABORARTE – Laboratório de Expressões Artísticas.

MEC – Ministério da Educação.

MNAM – Museu Nacional de Arte Moderna.

SESC – Serviço Social do Comércio.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	CENTRO CULTURAL E DE LAZER	
2.1	CONCEITO.....	18
2.2	REFERÊNCIAS CENTROS CULTURAIS E DE LAZER.....	22
3	ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE SÃO LUÍS	
3.1	ASPECTOS HISTÓRICOS.....	43
3.2	ASPECTOS FÍSICOS – ARQUITETÔNICO.....	45
3.3	SITUAÇÃO ATUAL DO IMÓVEL.....	52
4	ESTAÇÃO CULTURAL E DE LAZER BEIRA-MAR	
4.1	LEGISLAÇÕES PERTINENTES.....	70
4.2	LEVANTAMENTO FÍSICO – ARQUITETÔNICO	
	4.1.1 PLANTA DE SITUAÇÃO, IMPLANTAÇÃO E COBERTURA	73
	4.1.2 PLANTAS BAIXAS.....	74
	4.1.4 CORTES E FACHADAS	75
4.3	ESTUDO PRELIMINAR	
	4.3.1 PROGRAMA DE NECESSIDADES.....	76
	4.3.2 PRÉ-DIMENSIONAMENTO E SETORIZAÇÃO DOS AMBIENTES	84
4.4	ANTEPROJETO	
	4.4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	86
	4.4.2 PLANTAS DE IMPLANTAÇÃO E COBERTURA.....	89
	4.4.3 PLANTAS DE DEMOLIÇÃO/CONSTRUÇÃO, PLANTA BAIXA E LAYOUT DO TÉRREO.....	90

4.4.4	PLANTAS DE DEMOLIÇÃO/CONSTRUÇÃO, PLANTA BAIXA E LAYOUT DA SOBRELOJA E PAVIMENTOS 1 E 2	91
4.4.5	CORTES E FACHADAS.....	92
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
	REFERÊNCIAS.....	94
	ANEXOS	
	- PERPECTIVAS.....	98

INTRODUÇÃO

Construída sobre um aterro às margens do Rio Anil com a finalidade de abrigar uma estação ferroviária de passageiros e a administração da Ferrovia de São Luís, a antiga estação ferroviária de São Luís, RFFSA, foi inaugurada em 1929 e funcionou como sede da Rede Ferroviária Federal S. A. até 1986, ano em que o trem de passageiros deixou de circular e a linha foi retirada até o Tirirical, desativando a estação.

Hoje, a antiga estação composta inicialmente por um edifício principal com quatro pavimentos e um edifício térreo, sendo ampliada em 1972 com a construção de um galpão interligando os dois prédios e um quarto anexo, está sendo ocupado pela Secretaria de Segurança Pública do Estado. Por ter sido submetida a exercer uma função totalmente diferente da qual foi originalmente construída, a antiga construção sofreu várias mudanças para que ela pudesse acomodar delegacias especializadas, o Plantão Central da RFFSA e o Departamento de Narcóticos (Denarc), descaracterizando elementos importantes de sua arquitetura.

Por ser uma construção de importância histórica e arquitetônica localizada em uma área privilegiada da cidade, propõe-se a reabilitação do conjunto edificado da antiga estação ferroviária de São Luís através da implantação de um Centro Cultural e de Lazer que contribuirá para a reabilitação do patrimônio construído e recuperando-o, bem como promovendo o acesso à arte, cultura e ao lazer à população de São Luís e seus visitantes.

No Capítulo 1, será apresentado o conceito de centro cultural e de lazer e como se difundiu no Brasil, além da citação de referências de centros culturais e de lazer a fim de que possa haver a compreensão do assunto.

No Capítulo 2, será conhecida a história do Bem que será reabilitado – a antiga estação ferroviária da RFFSA –, bem como suas características arquitetônicas, mudanças de uso e descaracterizações sofridas ao longo dos anos, além da situação em que se encontra atualmente.

E, por fim, o capítulo 3, onde será apresentada a proposta de reabilitação da antiga RFFSA por meio da implantação de um centro cultural e

de lazer, a Estação Cultura. Serão expostos: a justificativa do projeto, as leis pertinentes, o programa de necessidades, o levantamento arquitetônico e, finalmente, a proposta de anteprojeto.

2. CENTRO CULTURAL E DE LAZER

2.1 CONCEITO

Embora já houvesse interesse na criação destes centros desde a década de 60, e durante o Programa de Ação Cultural do MEC no governo Médici, como afirma Teixeira Coelho (1996 *apud* RAMOS, 2007), os centros culturais surgiram no Brasil na década de 1980, sob a influência do Centro Cultural Georges Pompidou inaugurado na França em 1975, visto como modelo no Brasil e no mundo. Financiados pelo Estado, a cidade de São Paulo construiu os primeiros centros culturais brasileiros: o Centro Cultural do Jabaquara e o Centro Cultural São Paulo. A partir de então, a necessidade de criar espaços voltados para a produção, difusão e democratização de arte, cultura e lazer se propagou pelo país inteiro, incentivados pelas possibilidades de investimento através de benefícios fiscais concedidos pelas leis de incentivo à cultura.

Cardoso & Nogueira (1995), dentre outros autores, afirma que os centros culturais os quais conhecemos hoje seriam uma evolução das tradicionais bibliotecas, provocada pelas novas tecnologias de informação e comunicação:

“O entendimento da cultura como processo se fazendo no cotidiano da existência dos homens juntamente com a percepção da explosão informacional da contemporaneidade, impulsionaram a criação de inúmeros centros de cultura por todo o mundo. Originando-se em coleções bibliográficas, tais centros buscam responder às exigências da sociedade atual: as bibliotecas modernas ultrapassam seus objetivos e acervos tradicionais ligados à leitura da palavra impressa e se projetam em direção às formas mais diversas de interpretação e representação do mundo. Diferentes leituras do mundo, diferentes formas de representa-lo. [...] Território da cultura, representada, vivenciada, experimentada, saboreada: centros de cultura”(p. 205).

Segundo Milanesi (1997 *apud* RAMOS, 2007), desde o início dos anos 1990 há uma dificuldade em distinguir biblioteca e centro cultural como entidades distintas, pelo fato da biblioteca contemporânea ter deixado de ser apenas uma coleção de livros e ter englobado outras funções, tornando-se cada vez mais similar ao centro cultural. Campos (1995 *apud* RAMOS, 2007)

denominou este novo modelo de biblioteca com “biblioteca ação cultural”, onde foi incorporado novo registro do conhecimento e oferece serviços variados, a fim de facilitar o acesso à informação, além de incorporar novas funções, sendo encarada como polo convergente de informação, cultura e arte.

Assim como a biblioteca, o museu também vem passando por processo de modernização e assemelhando-se ao centro cultural. Eduardo e Castelnou (2007) afirmam que a principal preocupação do museu atual seria de desvincular-se de seus padrões iniciais, não sendo mais limitado apenas à exposição de um acervo, e teria como principal objetivo promover ao público o acesso à cultura de forma espontânea e democrática. Os museus passaram a promover exposições rotativas e temporárias, em vez de exposições permanentes, permitindo maior diversidade ao público. Os autores afirmam, ainda, que a tendência é de transformar os museus em pontos de encontro de artistas e público.

Apesar de, atualmente, a biblioteca, o museu e o centro cultural serem semelhantes em sua forma e função de agente concentrador, gerador e disseminador de cultura e informação, estas instituições ainda mantêm características distintas que permite a adoção de nomenclaturas diferentes. Um centro cultural não tem a obrigatoriedade de possuir e disponibilizar um acervo próprio, embora possa dispor de uma biblioteca e um museu em suas dependências. A biblioteca possui como característica principal o acervo e, embora se disponha a realizar diversas outras atividades que lhe confere o caráter de centro cultural, não possui a obrigatoriedade de exercer outras funções. Assim como o museu tem como função principal a de promover a exibição de um acervo, enquanto que o centro cultural e a biblioteca podem não dispor de um espaço para exposições.

O centro cultural não possui conceito definido. Para Eduardo e Castelnou (2007) a dificuldade em defini-lo deve-se pela “falta de estudo, pesquisa e reflexão sobre o tema e sua importância no quadro contemporâneo”. Estes autores afirmam, ainda, que o centro cultural não se propõe a ser especializado, necessariamente, mas sim de um lugar alternativo para a produção e difusão de cultura e arte, onde as atividades não permaneçam de exclusividade de uma área do conhecimento, tornando-se um

lugar diferente dos tradicionais. Para Milanesi (1997), um centro cultural é caracterizado pela “reunião de produtos culturais, a possibilidade de discuti-los e a prática de criar novos produtos”.

Ocampo (*apud* SILVA, 1995, *apud* EDUARDO e CASTELNOU, 2007) também enfatiza o dinamismo como fator diferenciador do centro cultural das demais instituições de cultura, por possibilitar manifestações culturais de diferentes naturezas, utilizando todo o tipo de suporte físico da informação e possibilitando uma variedade de opções que atendessem diferentes demandas. Trata-se de um centro convergente e disseminador de informações e ideias, aberto às manifestações culturais da comunidade, sem barreiras a serem estabelecidas.

Eduardo e Castelnou (2007) observam que “um centro cultural, por sua própria natureza, sempre refletirá a cultura de sua sociedade ou grupo social, devendo realizar suas atividades em harmonia com essa comunidade a que pertence”. Nunes (*apud* SILVA, 1995, *apud* EDUARDO e CASTELNOU, 2007) ressalta que o centro cultural deve ser um espaço dinâmico pertencente à cidade, o que, para o autor, significa permitir a frequência do maior número possível de seus habitantes, sem fazer distinção entre eles.

Embora ainda não esteja completamente definido, Ocampo arrisca em criar uma definição de centro cultural:

O centro cultural é uma instituição contemporânea que tenta responder ao ritmo social, constituindo-se da diversidade das manifestações culturais existentes, sendo sempre renovada, incentivando produções culturais, proporcionando espaços e recursos, continuando com o objetivo primordial das outras instituições, que é o de recuperar a informação, dispô-la e preservá-la, a fim de manter uma unidade social. Contudo, há a preocupação dessa ação, dentro dos centros culturais, de não se resumir a pura passagem da informação. Ele quer mexer no usuário, tocá-lo, fazer com que ele sinta a informação, e se incomode com ela, eliminando uma atitude passiva de assimilação. (OCAMPO *apud* SILVA, 1995, *apud* EDUARDO E CASTELNOU, 2007. p.115).

Milanesi (1997) afirma que Cultura é lazer. Gomes (2004, p.125) entende o lazer como “uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espço conquistado

pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações”. As artes plásticas, o teatro, a dança, a música, o cinema, a leitura e outras formas de manifestações artísticas e culturais são considerados meios de lazer, pois podem proporcionar ao indivíduo o divertimento, a recreação e o entretenimento, assim como desenvolvimento pessoal e social. Por tanto, o centro cultural, por si só, pode ser considerado como um centro de lazer. Tirando-se proveito de seu dinamismo e polivalência, alguns centros culturais passaram a inserir atividades e serviços voltados ao lazer, provavelmente como forma de atrair mais pessoas e atingir uma maior variedade de público. Hoje existem vários centros culturais que possuem cafeterias, bares, restaurantes e outros serviços ligados ao lazer e ao consumo, não se limitando apenas a atividades culturais.

No Brasil, o Serviço Social do Comércio (SESC) foi o pioneiro na criação de um espaço voltado para atividades culturais e de lazer no país. A instituição brasileira privada, sem fins lucrativos, foi criada em 1946 pelo empresariado do setor de comércio, serviços e turismo com a finalidade de proporcionar o bem-estar social aos seus trabalhadores e familiares, porém é aberto à comunidade em geral. Em 1967, a instituição inaugurou o seu primeiro centro cultural e desportivo, o SESC Consolação, em São Paulo. A edificação construída especificamente para este tipo de uso foi o que mais se aproximava de centro cultural na época, porém a sua programação era mais voltada ao esporte e lazer. Quinze anos depois, em 1982, o SESC contratou a arquiteta Lina Bo Bardi para reabilitar uma antiga fábrica de tambores metálicos, transformando-a no Centro Cultural e de Lazer SESC Pompéia, obra considerada um marco na arquitetura contemporânea e no debate sobre revitalização no Brasil.

De acordo com Eduardo e Castelnou (2007), à medida que as cidades aumentam de tamanho, o poder público sente maior necessidade de criar centros de cultura, arte e lazer sob pressão da demanda das comunidades. Ainda segundo os autores, atualmente, as prefeituras de cidades de médio porte já optam por centros com programas diversificados, reunindo no mesmo espaço atividades culturais, de arte, lazer e esportivos.

Portanto, conclui-se que centro cultural e de lazer é uma instituição contemporânea de múltiplas funcionalidades que reúne em um mesmo espaço diversos equipamentos culturais e recreativos de forma integrada a fim de disseminar e produzir cultura e arte de forma participativa com a sociedade, além de proporcionar a diversão e o entretenimento ao indivíduo.

2.2 REFERÊNCIAS DE CENTROS CULTURAIS E DE LAZER

▪ Centro Nacional de Arte e Cultura Georges Pompidou



Fig. 01 – Vista do Centro Cultural George Pompidou com a Praça Beaubourg.
Fonte: Loic Venance/AFP - 20minutes.fr (data não especificada)

Localizado em plena Praça Beaubourg (FIG. 01) em Marais, um dos bairros históricos do centro de Paris, o centro cultural Georges Pompidou serviu de referência como modelo de centro cultural no mundo inteiro. Também conhecido como *Beaubourg*, o centro cultural foi patrocinado pelo Estado Francês e projetado pela dupla de arquitetos Renzo Piano e Richard Rogers, escolhidos por concurso público. Inaugurado em 31 de janeiro de 1977, o *Beaubourg* contém:

- Museu Nacional de Arte Moderna (MNAM);
- biblioteca pública com capacidade para 2 mil usuários;
- área para exposições;

- salas de cinema e shows;
- Instituto de Pesquisa e Coordenação de Música e Acústica (Institut de Recherche et Coordination Acoustique/Musique - IRCAM) (FIG. 04 e 05);
- áreas de atividades educativas;
- livrarias;
- um restaurante e um café.

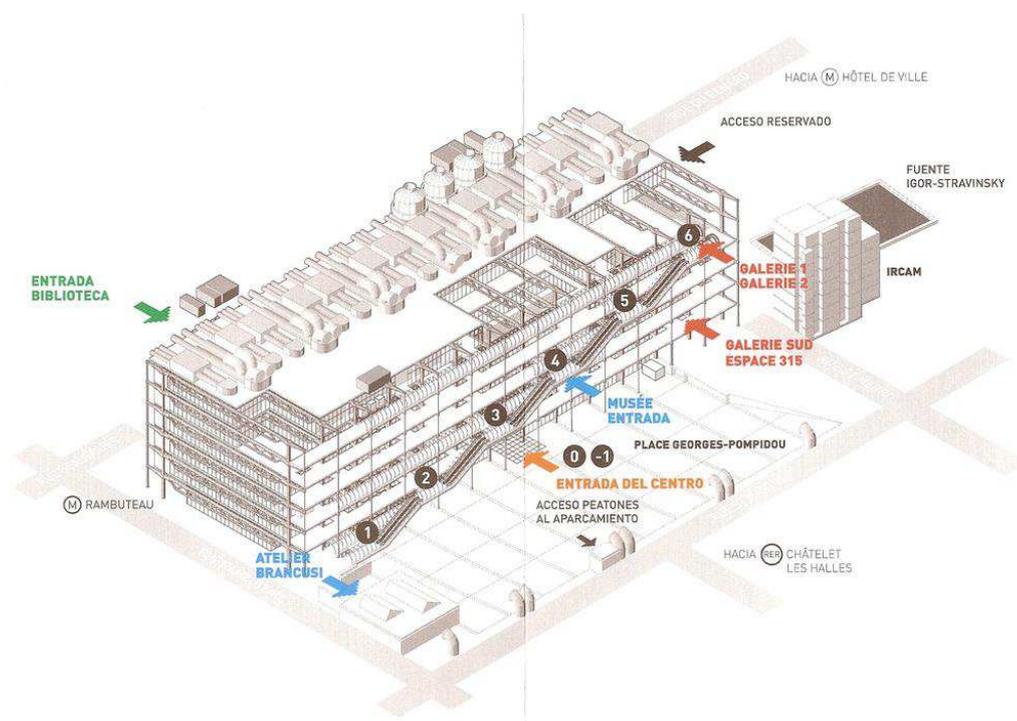


Fig. 02 – Mapa de acesso do George Pompidou.
Fonte: tuomaquia.com

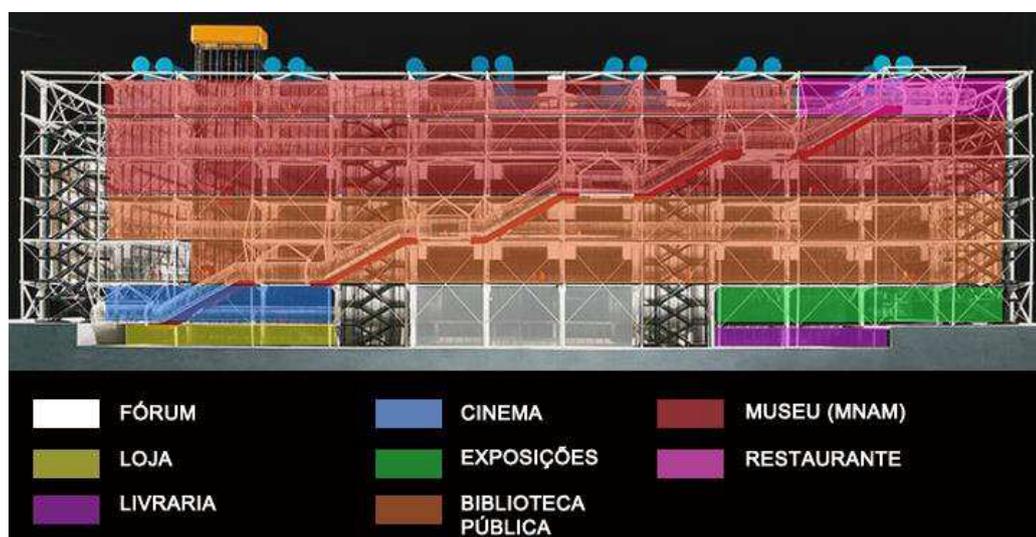


Fig. 03 – Setorização do prédio principal
Fonte: socialdesignmagazine.com (editada)



Fig. 04 - Instituto de Pesquisa e Coordenação de Música e Acústica

Fonte: FADB - flickr.com (2010)

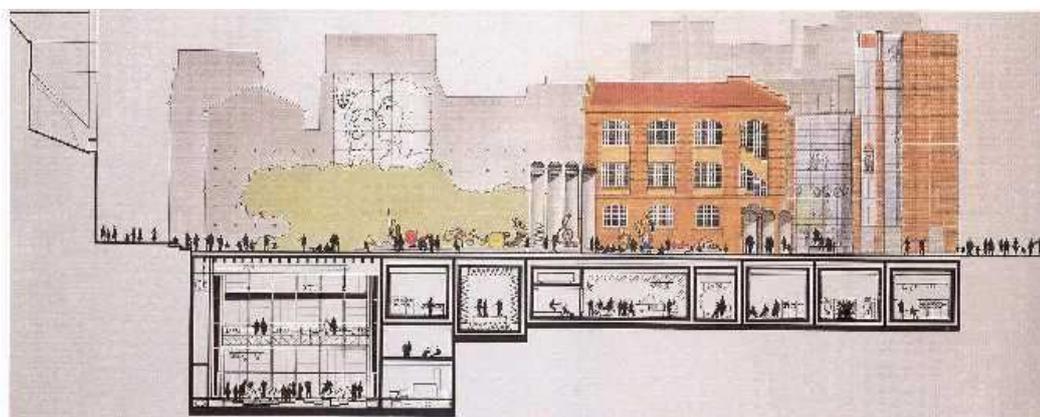


Fig. 05 – Corte longitudinal do IRCAM

Fonte: archinect.com

Pioneiro no surgimento do centro cultural contemporâneo, o programa de necessidades do *Beaubourg* foi considerado inovador por reunir em um mesmo espaço vários equipamentos de cultura e arte. Percebe-se a variedade que o programa oferece ao ser inserido equipamentos relacionados às mais diversas manifestações artísticas: pintura, escultura (museu, área de exposição), literatura (biblioteca, livrarias), música (instituto de pesquisa musical, espaço para shows) e cinema. Dessa forma, o programa consegue agradar públicos distintos ao oferecer opções de quase todos os gostos.

Para abrigar este extenso programa de necessidades, Piano e Rogers projetaram um edifício estilo high-tech com estrutura de aço tubular e vidro com cerca de 100 mil metros quadrados, distribuídos em sete andares, acessados por uma escada rolante externa. O conceito da obra

era de expor toda a sua estrutura, a fim de liberar o máximo possível de espaço no seu interior, posicionando toda a área de circulação e infraestrutura no exterior do edifício (FIG. 06). Por ter todos os seus elementos construtivos aparentes, os diferentes sistemas foram diferenciadas por cores, de acordo com os seus usos: azul para circulação de ar (ar condicionado), amarelo para a circulação de energia elétrica, verde de circulação de água e vermelho para a circulação de pessoas (escadas rolantes e elevadores). Dessa forma, toda a sua estrutura serve também como ornamento do edifício.



Fig. 06 – Estrutura da construção aparente
Fonte: travellmagazine.org (2011)

▪ Centro Cultural do Jabaquara

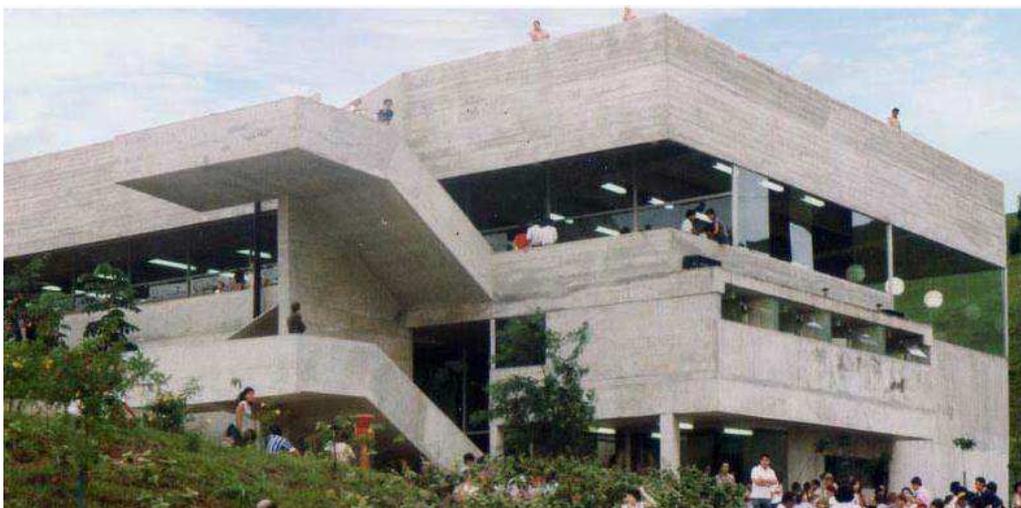


Fig. 07 – Fachada do Centro Cultural do Jabaquara.
Fonte: shieh.com.br (data não especificada)

Inaugurado em 12 de julho de 1980, o Centro Cultural do Jabaquara foi considerado inovador para a época, tanto do ponto de vista sócio-cultural – por ser sido a primeiro centro cultural no país – como do ponto de vista arquitetônico – por possuir uma arquitetura arrojada, em concreto e vidro. O edifício, projetado pelo escritório Shieh Arquitetos Associados em parceria com o arquiteto Gustavo Neves da Costa Filho, abriga:

- Casa da cultura;
- Teatro;
- Duas bibliotecas – a Biblioteca Pública Paulo Duarte e a Biblioteca Infantil do Centro Cultural do Jabaquara –, que foram unificadas no ano de 2005, passando a chamar-se Biblioteca Paulo Duarte (FIG. 08);
- Salas para cursos e oficinas.

O Centro Cultural do Jabaquara não tem um programa tão variado, porém, ele possui algumas singularidades como a casa da cultura e o teatro, o que corrobora a teoria de Eduardo e Castelnou (2007) de que um centro cultural reflete a cultura de sua sociedade. Percebe-se que o programa de necessidades deste centro cultural não foi pensado para atingir o maior número de pessoas, mas, sim, voltado para atender a população local.

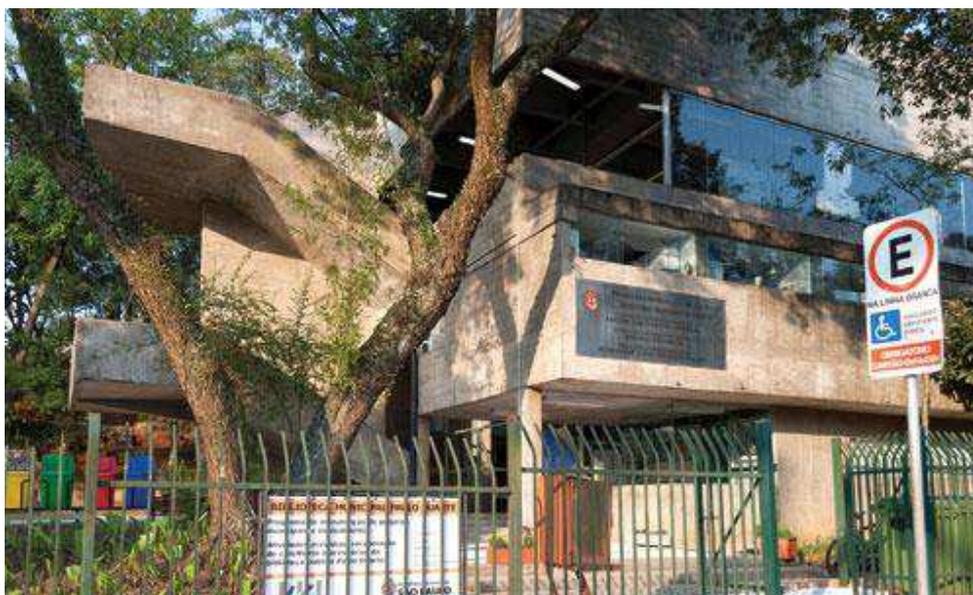


Fig. 08 – Entrada da Biblioteca Paulo Duarte

Fonte: acessibilidadecultural.com.br (data não especificada)

De acordo com o site da Prefeitura de São Paulo, o Centro Cultural do Jabaquara foi criado “com o intuito de oferecer em um mesmo espaço, atividades culturais, artísticas e recreativas, em local de fácil acesso para população”. Administrado pela Subprefeitura Jabaquara, o centro cultural oferece aulas de teatro, cursos e oficinas de artes e programação diversificada para todas as idades.

▪ **Centro Cultural São Paulo**



Fig. 09 – Vista aérea do Centro Cultural São Paulo

Fonte: <http://viaajejunto.com> (2010)

Originalmente, a ideia era de implantar uma biblioteca moderna em uma área de aproximadamente 300 mil metros quadrados localizada entre a Rua Vergueiro e a Avenida 23 de Maio, na cidade de São Paulo. Porém, com a mudança de gestão, a prefeitura resolveu reformular o projeto para um centro cultural multidisciplinar, sob a influência do Centro Cultural Georges Pompidou. Inaugurado em 13 de maio de 1982, o centro cultural paulistano contém:

- Cinema;
- Teatro;
- Espaço para recitais e concertos;
- Ateliês;

- Áreas de exposições;
- Biblioteca/discoteca.

O programa do Centro Cultural São Paulo segue a mesma linha do Georges Pompidou de oferecer uma variedade de equipamentos culturais e artísticos para satisfazer os mais diversos públicos. Entretanto, diferente do centro cultural parisiense, o centro paulistano preocupou-se em inserir espaços voltados às artes cênicas como o espaço cênico e teatros em seu programa de necessidades.

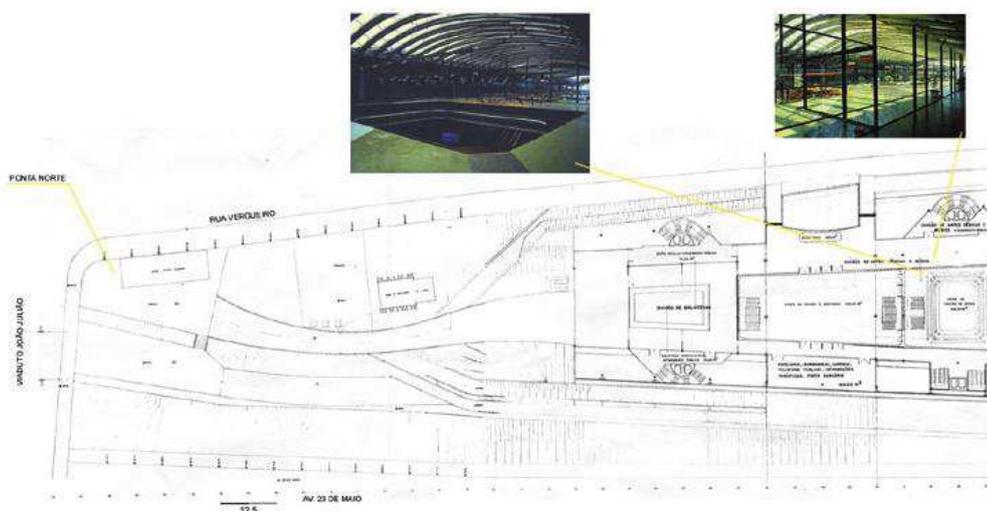


Fig. 10 – Planta baixa do Centro Cultural São Paulo – ponta norte
Fonte: arqbrasil.com.br

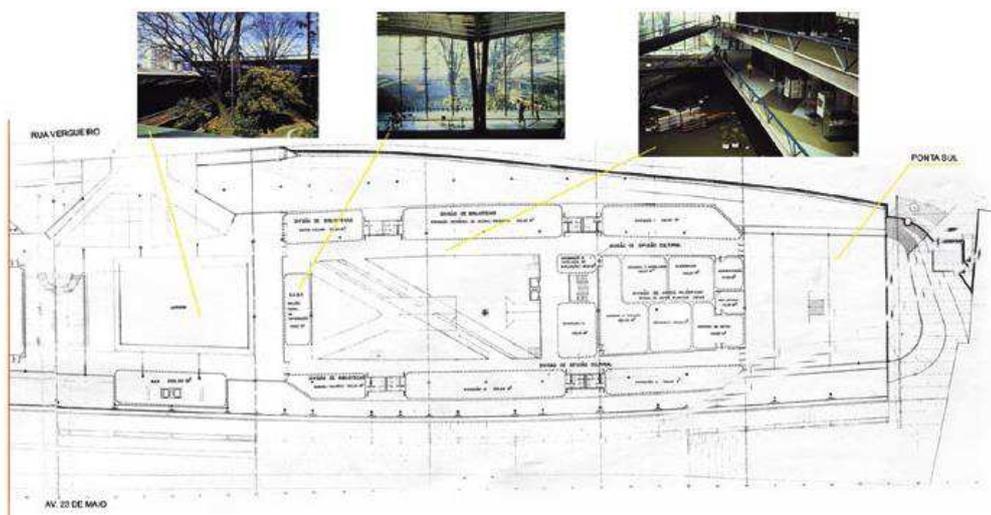


Fig. 11 – Planta baixa do Centro Cultural São Paulo – ponta sul
Fonte: arqbrasil.com.br

O projeto, concebido pelos arquitetos Eurico Prado Lopes e Luiz Telles, possui como partido arquitetônico a horizontalidade e priorizava a interação dos espaços, com o mínimo de compartimentação, a fim de

torná-los mais fluidos. A construção, que possui estrutura mista de pilares de metal com vigas de concreto, foi submetida a diversas reformas durante o tempo, devido a problemas de execução.

- **Centro de Cultura e Lazer SESC Pompéia**



Fig. 12 – Vista aérea do SESC Pompéia
Fonte: arcoweb.com.br (2005)

Em 1977, a arquiteta Lina Bo Bardi foi convidada pelos diretores do SESC São Paulo para transformar uma antiga fábrica de tambores metálicos (e, posteriormente de carcaças de geladeiras e querosene), localizada no bairro Pompéia, em um centro cultural e de lazer para os trabalhadores do comércio de São Paulo, bem como para a comunidade local. Ao chegar na antiga fábrica abandonada (FIG. 13) em um terreno de cerca de 16.500 m², Lina ficou encantada com a precursora estrutura em concreto armado, moldada pelo francês François Hennebique – um dos pioneiros do concreto armado no início do século XX, o que fez com que a arquiteta optasse por conservar a obra em vez de demoli-la. Além da estrutura em concreto armado, os galpões possuíam tijolos aparentes e rebocados, simetria de planos e sheds para iluminação zenital.



Fig. 13 – Vista aérea da Fábrica da Pompéia antes da reforma na década de 1970.
Foto: Peter Sheier (vitruvius.com.br)

Na primeira etapa do projeto (1977-1982) foram retirados os rebocos e aplicado jatos de areia nas paredes, a fim de buscar a essência de sua tectônica (FERRAZ, 2008). Além disso, a rua interna foi pavimentada com paralelepípedo e as grandes portas de entrada foram recuperadas, assim como as telhas cerâmicas da cobertura em shed. Dessa forma, a construção de tipologia industrial inglesa do final do século XIX completamente renovada foi inaugurada em 1987 com:

- Uma grande área de estar formada pela biblioteca, espelho d'água e foyer;
- Restaurante e choperia;
- Pavilhão de exposições;
- Ateliês;
- Salas de arte.

Na segunda etapa do projeto (1982-1986) são construídas duas torres de concreto aparente – um bloco com janelas-buracos que abriga as quadras de esporte e um prédio mais comprido e estreito, com janelas quadradas dispostas aleatoriamente pela as fachadas – interligadas por oito passarelas de concreto protendido. Ao lado, foi construída uma terceira torre cilíndrica de 70m de altura, também em concreto aparente, onde abriga a caixa d'água. Próximo às torres passa uma galeria de águas

pluviais – o Córrego das Águas Pretas –, criando uma área *non aedificandi*, que teve a sua extensão coberta por um deck de madeira utilizado como *solarium*. (FIG. 14)

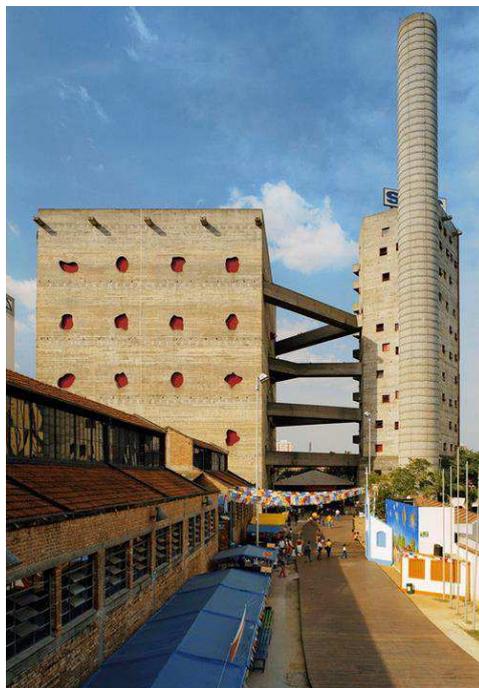


Fig. 14 – Vista do solarium com duas torres de concreto ligadas por passarelas ao fundo.
Fonte: Georgios Maillis - flickr.com (2006)



Fig. 15 – Planta Baixa do SESC Pompéia
Fonte: plataformaarquitectura.cl (editado)

Dentre todas as referências citadas neste capítulo, o SESC Pompéia é um dos poucos que é de fato um centro cultural e de lazer, por inserir em seu programa tanto instalações voltadas à produção e apreciação de cultura e arte como para o de lazer, com ênfase em espaços para práticas esportivas e de fitness.

Sendo assim, ao integrar antigo e o novo de forma tão peculiar e ousada, o SESC Pompéia tornou-se um marco na história da reabilitação no Brasil, bem como na arquitetura contemporânea.

- **Centro de Criatividade Odylo Costa Filho**



Fig. 16 – Fachada principal do Centro de Criatividade Odylo Costa Filho.
Fonte: Carlos Morcego - panoramio.com (data não especificada)

Em 1980, o Governo do Estado do Maranhão adquiriu um prédio localizado na Praia Grande, onde hoje se encontra o centro cultural. A construção que ocupa todo um quarteirão – composta por quatro galpões, duas casas térreas e um sobrado – foi construída em 1900 e originalmente abrigava atividades comerciais, como depósitos e armazéns. Após passar pela primeira intervenção na sua estrutura física, no período entre 1981 - 1984, o Odylo mudou suas instalações para a nova sede.

Depois da restauração total, sob a coordenação geral do Engenheiro Luíz Phelipe Andrés, o Centro de Criatividade Odylo Costa

Filho foi inaugurado em 27 de dezembro de 1988 com os seguintes atrativos:

- Cinema com capacidade para 120 pessoas – hoje o Cine Praia Grande;
- Teatro Praia Grande (hoje conhecido como Teatro Alcione Nazaré) com 400 lugares;
- Sala de Leitura, que em 1999 transformou-se na Biblioteca Ferreira Gular;
- Galeria de exposições;
- Salas para Cursos e oficinas.

Posteriormente foram inseridas sala de dança, sala multimídia com capacidade para 50 pessoas e uma oficina de azulejaria para a fabricação de azulejos coloniais.



Fig. 17 – Interior do Teatro Alcione Nazaré
Fonte: cultura.ma.gov.br (data não especificada)

De modo geral, o Odylo Costa Filho possui programa de necessidades semelhante com a maioria dos centros culturais brasileiros, tendo como diferenciador a oficina de azulejaria voltada à produção e restauração de azulejos coloniais, revestimento fortemente presente na arquitetura maranhense.

- **Estação das Docas**

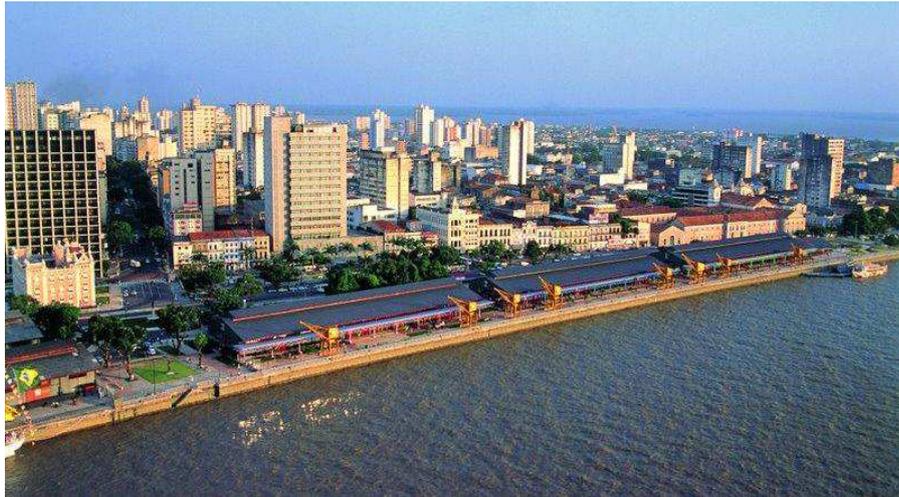


Fig. 18 – Vista aérea da Estação das Docas
Fonte: paciclismo.com.br (2000)

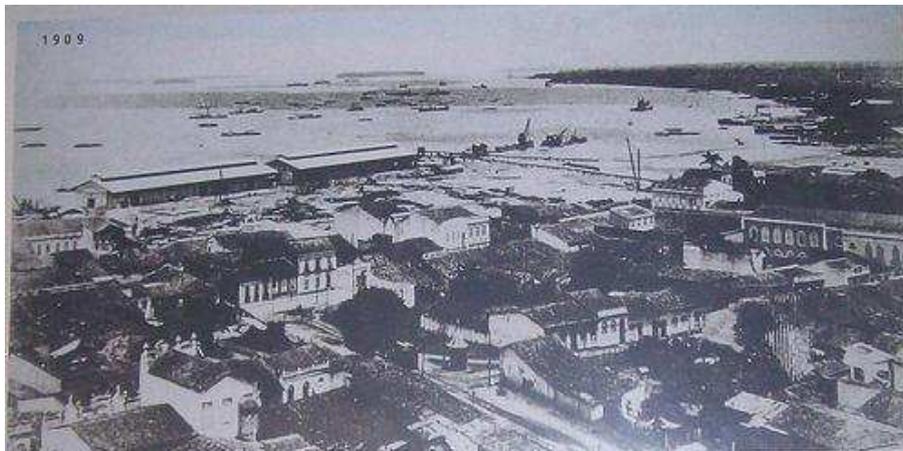


Fig. 19 – Vista aérea da área do porto e Baía do Guajará no ano de 1909.
Fonte: panoramio.com

No ano de 2000, um trecho na antiga área portuária de Belém (PA) foi restaurado e revitalizado, transformando-se em um dos maiores complexos culturais e turísticos da região amazônica – a Estação das Docas. O projeto de autoria dos arquitetos Paulo Chaves Fernandes e Rosário Lima consistia na reabilitação de três galpões em estrutura metálica pré-fabricada inglesa, construídas no início na década de 1900 às margens da Baía do Guajará (FIG. 19). Além da estrutura metálica dos galpões, foram restaurados os guindastes fabricados nos Estados Unidos no início do século XX e a máquina a vapor construída nos anos de 1800. Foi adicionada aos galpões estrutura espacial metálica em balanço, que dá continuidade a cobertura e serve como varanda (FIG. 21); foram incluídas passarelas em policarbonato e vidro que ligam os galpões entre si.

Inaugurado em 13 de maio de 2000, a Estação das Docas foi dividida e organizada por funções, de forma que cada galpão foi delegado um uso específico:

- Boulevard das Artes (galpão 1): possui um pequeno museu do porto, com achados arqueológicos descobertos durante as obras. Também possui livraria e lojas de artesanatos entre outros. Há, ainda, um bar e uma cervejaria.
- Boulevard da Gastronomia (galpão 2): abriga 5 restaurantes;
- Boulevard das Feiras e Exposições (galpão 3): destinado a eventos em geral como festas, feiras, exposições, eventos empresariais e culturais. Abriga ainda o Teatro Maria Sylvia Nunes com capacidade para 400 pessoas, onde também funciona o Cine Estação;



Fig. 20 – Perspectiva da Estação das Docas com espaços identificados.
Fonte: estacaodasdocas.com.br (editado)

Além dos galpões temáticos, o complexo possui:

- Anfiteatro São Pedro Nolasco, feito a partir das ruínas do Forte de São Pedro Nolasco, com capacidade para 2 mil pessoas;
- Hidroviária com plataforma flutuante para embarque e desembarque de passageiros.

Os autores do projeto deram prioridade às atividades de comércio e lazer, predominantes no programa de necessidades da Estação da Docas. São poucos os equipamentos dedicados para a cultura. O terminal hidroviário é o equipamento diferenciador do projeto, tirando-se proveito da sua localidade à beira da baía do Guajará.



Fig. 21 – Área externa da Estação das Docas com a baía do Guajará ao fundo.
Fonte: skyscrapercity.com



Fig. 22 – Interior de um dos galpões (Galpão 1).
Fonte: arcoweb.com.br (2001)

Como pode se observar nos modelos citados acima, tanto os centros culturais comuns como aqueles que agregam atividades de lazer não possuem um modelo definido. Os centros possuem programas similares, porém não totalmente iguais, de forma que cada um possui um perfil próprio, geralmente relacionado com o meio onde está inserido. Apesar deste tipo de instituição cultural não possuir um modelo definido, autores como Teixeira Coelho (1986, *apud* RAMOS, 2007), dentre outros, ao pesquisar diversos centros culturais e de lazer no Brasil e no mundo, perceberam um padrão: normalmente, são escolhidos prédios antigos, de importância histórica para a comunidade, onde são reabilitados e transformados em centros culturais. Ao reabilitar tais símbolos históricos, preserva-se uma parte da memória cultural da cidade. Ainda segundo estes autores, a escolha do local onde será inserido o centro

cultural está vinculada à revitalização da região por meio da ação cultural. Outro motivo, segundo Silva (1995, *apud* RAMOS, 2007), é que a escolha por casarões antigos se deve pelo fato destas construções normalmente serem espaçosas e possuírem um pé direito alto, capazes de abrigar peças artísticas não convencionais.

Dessa forma, a proposta deste trabalho em reabilitar uma construção de importância histórica, transformando-a em um centro cultural e de lazer, se insere no padrão percebido em centros culturais e de lazer no mundo inteiro. De fato, há uma tendência em escolher antigas estações ferroviárias como local para a inserção de um centro cultural. No Brasil, principalmente em cidades de médio porte, existem vários exemplos de antigas estações ferroviárias reabilitadas como centro cultural, tais como:

- **Centro Cultural de Araras “Leny de Oliveira Zurita”**

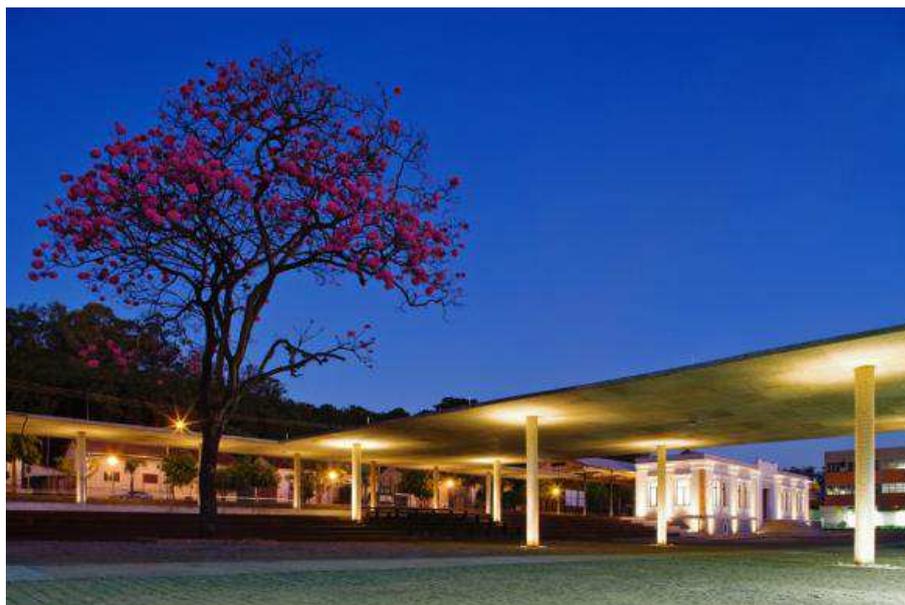


Fig. 23 – Vista externa do Centro Cultural de Araras.
Fonte: concursosdeprojeto.org (2009).

Sob um primitivo galpão de madeira, a antiga estação ferroviária da cidade de Araras deu início as suas atividades no ano de 1877, integrado à Companhia Paulista de Estrada de Ferro. Em 1882, o galpão em madeira foi substituído por uma edificação em alvenaria a qual sofreu diversas reformas e ampliações até o a década de 1920, tomando sua forma definitiva. A estação funcionou até fevereiro de 1977, quando os trens de passageiros deixaram de circular, sendo totalmente desativada no final da década de 1980. Conseqüentemente, a construção foi

abandonada, sofrendo depredação e deterioração, até que no ano de 2000 a prefeitura desapropriou a área, tendo em vista a intenção de abrigar um centro cultural na antiga estação.

Em 2004, através de um concurso público de arquitetura incentivado pela Associação de Cultura e Arte de Araras e organizado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil de São Paulo (IAB-SP) em parceria com a Fundação Bienal São Paulo, foi escolhida a proposta do escritório Aum Arquitetos na reabilitação da construção histórica, mas somente no ano de 2007 que deram início as obras. O projeto tinha por finalidade a recuperação e valorizar da estrutura existente, bem com agregar novos elementos à construção de forma que haja a distinção entre o novo e o antigo.



Fig. 24 – Estado de conservação da edificação antes da reforma.
Fonte: concursosdeprojeto.org



Fig. 25 e Fig. 26 – Plataforma da estação: antes e depois da reforma.

Fonte: concursosdeprojeto.org (2009).

O conjunto edificado era constituído por uma plataforma coberta junto ao bloco onde abrigava a sede da estação, dois armazéns e uma edificação residencial. Os pilares de ferro fundido que ajudam a sustentar a cobertura da plataforma estavam danificados, assim como a sua cobertura (FIG. 25). Os pilares foram restaurados em sua maioria e alguns reproduzidos e a estrutura da cobertura em madeira foi substituída por outra do mesmo material, bem como a cobertura metálica (FIG. 26). A cobertura da plataforma ganhou uma extensão em concreto armado aparente sustentado por colunas circulares do mesmo material, cobrindo toda a área que separa a antiga sede dos armazéns (FIG. 24).

A antiga sede da estação teve a sua configuração interna remodelada para abrigar lojas e a administração do centro cultural. Os caixilhos originais foram trocados por uma caixilharia nova em aço e o antigo forro de madeira foi retirado, revelando as tesouras metálicas originais. Para abrigar o salão de exposições, um dos armazéns teve suas tesouras em madeira restauradas, passando a servir também como suporte para a instalação do ar condicionado e luminárias. As portas receberam esquadrias de modelo idêntico ao original, porém não recebeu revestimento, de forma que ficou claro que é uma réplica. O outro armazém

teve os seus tijolos aparentes em barro cozido recuperados, aqueles que sobreviveram aos mais de 10 anos de falta de conservação (FIG. 28), e os tijolos do antigo baldrame foram reaproveitados, complementando a alvenaria que estava parcialmente deteriorada. A estrutura metálica da cobertura, feita com os mesmos perfis dos trilhos, foi parcialmente recuperada e a outra metade reproduzida. Por possuir configuração de doca, com desnível entre os pisos, foi o lugar ideal para abrigar o auditório com capacidade para 208 pessoas, juntamente com o foyer e sala de projeção, além de banheiros e cozinha de apoio para o foyer e uma lanchonete/café. O acesso para este bloco é dado por uma rampa de piso e guarda-corpo em aço corten (FIG. 29).

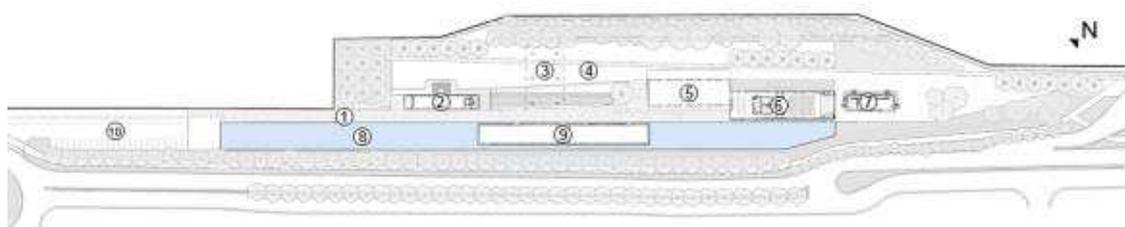


Fig. 27 – Planta baixa do Projeto de reabilitação do Centro Cultural de Araras.
1.Plataforma; 2.Edifício administrativo / loja; 3.Marquise; 4.Edifício de exposições;
5.Auditório; 6.Edifício de serviços; 7.Praça; 8.Biblioteca / exposições (não construído);
9.Espelho d'água (não construído); 10.Estacionamento.

Fonte: concursosdeprojeto.org



Fig. 28 e Fig. 29 – Antes e depois da reforma dos galpões que hoje abrigam um salão de exposições e auditório.
Fonte: concursosdeprojeto.org (2009).

Além da recuperação da estrutura, o projeto previa a construção de um novo edifício cercado por um longo espelho d'água, onde abrigaria uma biblioteca. Porém, devido à restrição de orçamento, ficou decidido que a biblioteca seria construída somente na fase final. Embora incompleto, o Centro Cultural de Araras foi inaugurado em 2008. Em abril de 2011, o centro cultural recebeu o nome oficial de Centro Cultural de Araras “Leny de Oliveira Zurita”, em homenagem a esposa do ex-prefeito Ivan Estevan Zurita que foi a primeira presidente da Assistência Social de Araras na década de 1960.

- **Centro Cultural do Ararape**



Fig. 30 – Vista exterior do Centro Cultural do Araripe.
Fonte: Dihelson Mendonça - crato.org (2010)

Datado do ano de 1926, a antiga estação ferroviária do Crato era a estação final da antiga Estrada de Ferro de Baturité e foi agregada a Rede Viação Cearense (RVC) em 1909, sendo depois integrada a Rede Ferroviária Federal (RFFSA) no ano de 1915. Após ser desativada em 1989, a construção foi abandonada e, posteriormente, invadida por famílias de sem-teto, inclusive o antigo pátio de manobras, onde foram construídas casas de taipa. O local foi ocupado até o ano de 2003, quando a prefeitura adquiriu o conjunto da RFFSA e retirou os ocupantes para outro local.

Alguns anos mais tarde, a antiga estação foi reabilitada com a ajuda de recursos Estadual e Federal, a fim de abrigar o Centro Cultural do Araripe. O antigo conjunto – composto por uma estação de passageiros e uma estação de carga, casa do agente, galpão e uma praça – foi restaurado e complementado com novas edificações para que abrigasse galeria de exposições, biblioteca, anfiteatro, auditório, ilha digital e espaço público.

O Centro Cultural do Araripe foi inaugurado oficialmente em 28 de dezembro de 2007 e é considerado o maior complexo cultural do interior do Estado do Ceará.

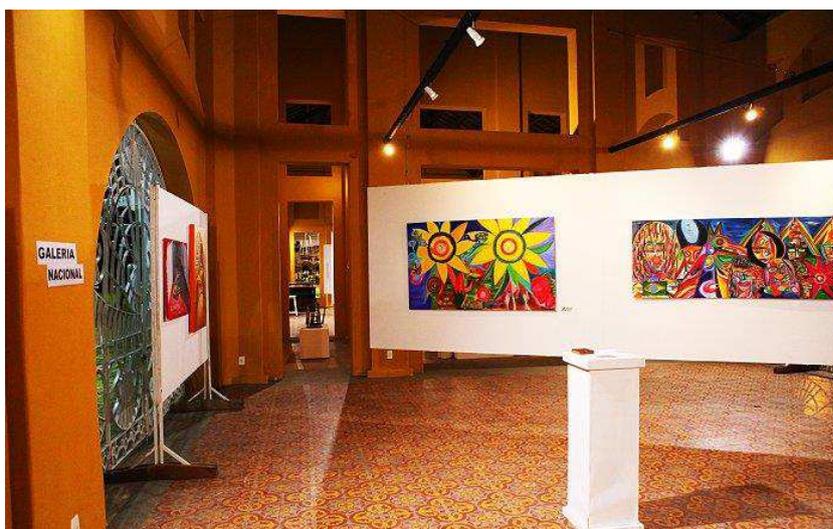


Fig. 31 – Salão de exposições do Centro Cultural do Araripe.
Fonte: Dihelson Mendonça - crato.org (2010)

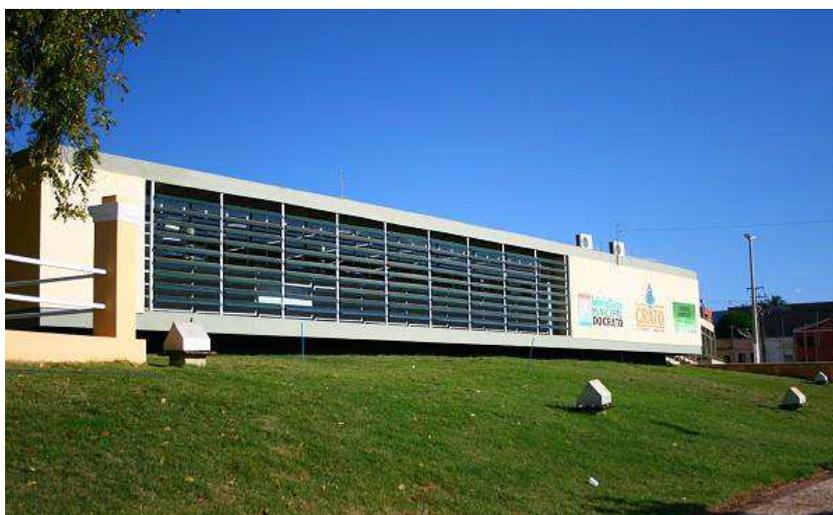


Fig. 32 – Biblioteca do Centro Cultural do Araripe.
Fonte: Dihelson Mendonça - crato.org (2010)

Como pode-se perceber nos exemplos citados acima, antigas estações ferroviárias são normalmente apropriadas para a implantação de centros culturais por possuírem grandes galpões que conseguem abrigar equipamentos culturais que exigem espaços amplos tais como salão de exposições, biblioteca e auditório. Geralmente esse tipo de construção também possui extensa área externa que possibilita a inserção de novos equipamentos culturais e de lazer. Portanto, estações ferroviárias desativadas que possuem tais características são adequados para serem revitalizadas e transformadas em centros culturais e, em alguns casos, de lazer por possuírem estrutura física que permite tal tipo de intervenção e, ao mesmo tempo, faz parte da história da sociedade a qual está inserida.

3. ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE SÃO LUÍS

3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS

Os trilhos chegaram à cidade de São Luís na década de 1920 com a construção da ponte sobre o Canal dos Mosquitos que liga o continente à ilha de São Luís. Em 2 de junho de 1920 foi aprovada a construção da estação ferroviária de São Luís através do Decreto nº 14.238. Porém, o projeto sofreu modificações e foi substituído pelo Decreto nº 14.832, de 25 de maio de 1921, que aprovava uma nova planta, orçamento e autorização da construção. De autor desconhecido, a obra tinha como responsável técnico o então diretor da Estrada de Ferro São Luís – Teresina, o engenheiro Teixeira Brandão.

Localizada num ponto estratégico, bem no centro da cidade, a estação ferroviária de São Luís começou a ser construída no dia 14 de fevereiro de 1925 num aterro feito sobre a antiga Praia do Prego, às margens do Rio Anil. Inaugurada em 15 de novembro de 1929, estação terminal da linha férrea São Luís-Teresina recebeu o nome de Estação João Pessoa em homenagem ao político paraibano assassinado em 1930. No ano de 1957, a Estrada de Ferro São Luís – Teresina foi incorporada à Rede de Ferrovias Federais S. A. (RFFSA), fazendo com que a Estação João Pessoa fosse popularmente conhecida como “Refesa”, nome que perdura até os dias atuais.

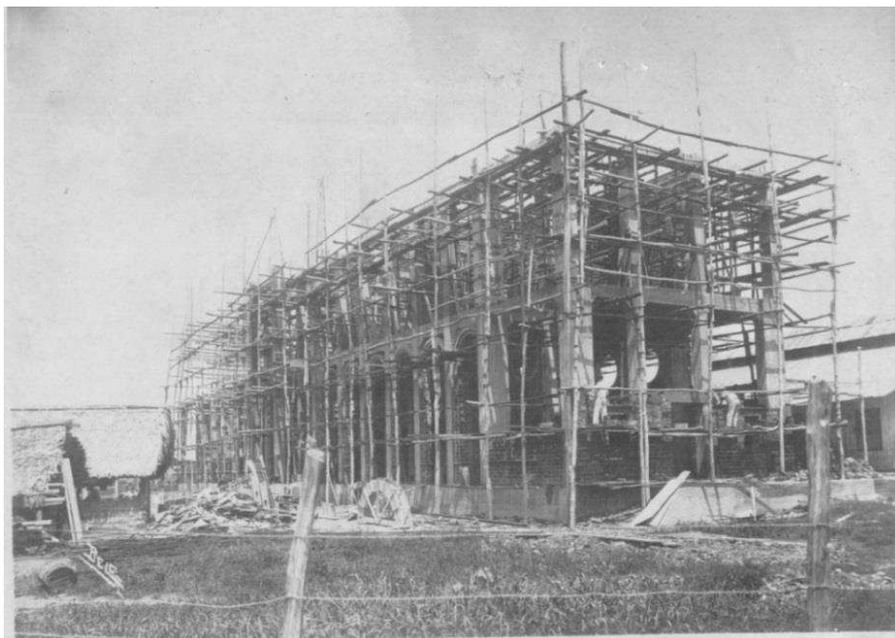


Fig. 33 – Estação ferroviária de São Luís sendo construída na década de 1920.
Fonte: Acervo particular – RFFSA



Fig. 33 – Imagem da estação ferroviária em fase de finalização (1929).
Fonte: Acervo particular – RFFSA

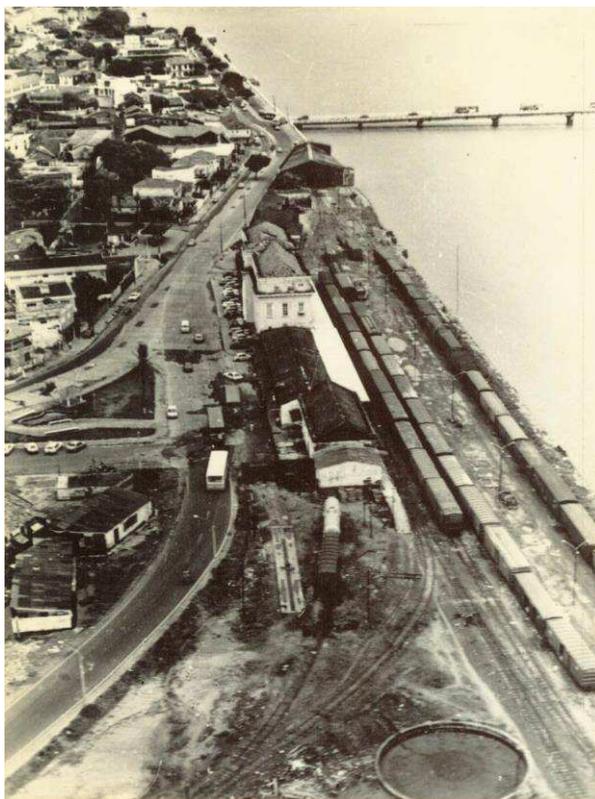


Fig. 35 – Vista aérea do antigo pátio de São Luís na década de 1970.
Fonte: Acervo particular – RFFSA

A estação de São Luís funcionou até o ano de 1986, quando o trem de passageiros deixou de circular e a estrada de ferro foi retirada até o bairro do Tirirical. Com a estação desativada, a sede da RFFSA no Maranhão foi transferida para o Tirirical, próximo ao Departamento Municipal de Estradas e Rodagens.

No ano de 1995, a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Maranhão tomou posse da construção, onde passou a abrigar a administração da Secretaria, Plantão Central da RFFSA, Departamento de Narcóticos (Denarc) e delegacias especializadas. Em 1999, a administração mudou-se para a Vila Palmeira, ficando o Plantão Central, Denarc, Delegacia do Idoso, Delegacia Fazendária e Delegacia do Primeiro Distrito, situação esta que permanece até os dias atuais.

3.2 ASPECTOS FÍSICO – ARQUITETÔNICO



Fig. 36 – Vista do edifício principal e armazém no ano de 1930.

Fonte: IPHAN



Fig. 37 – Cartão Postal emitido por Livraria Moderna. Estação João Pessoa na década de 1930.

Fonte: São Luís: Memória e Tempo.

A Estação João Pessoa era composta inicialmente por um prédio principal onde funcionava a estação e administração, além de um edifício térreo simples que servia como depósito e armazém (FIG. 36). O prédio principal (FIG. 37) em alvenaria de tijolo maciço possui quatro pavimentos, sendo um deles em mezanino (sobre loja) entre o térreo e o primeiro pavimento. Originalmente, o segundo pavimento era um mirante que foi ampliado durante a década de 1950 (FIG. 38). A cobertura dividida em três planos (um plano central de quatro águas e dois planos laterais de três águas) é em telha cerâmica francesa arrematada por platibanda decorada com pequenos frisos em massa de reboco.



Fig. 38 – Fachada principal da estação na década de 1950, após a ampliação do último pavimento.

Fonte: estacoesferroviarias.com.br (IBGE)

A edificação de característica arquitetônica eclética possui planta e fachada simetria em relação ao corpo central. Apresenta fachadas semelhantes marcadas por pórtico central nas duas fachadas frontais – uma voltada para a rua e a outra voltada para os trilhos. A fachada principal (FIG. 39) possui um pórtico de entrada sacado do corpo do prédio e marcado por duas grandes colunas que vão até o segundo pavimento, onde são arrematadas por um entablamento com cimalha (FIG. 40), dando imponência ao acesso principal feito através de um grande portão em ferro trabalhado (FIG. 41). Arcadas em arco pleno nas laterais da fachada principal vão até a altura do mezanino e protegem a circulação externa que possui portas e óculos que obedecem ao mesmo ritmo das aberturas (FIG. 42 e 43). O primeiro e segundo pavimentos possuem vãos retos.



Fig. 39 – Fachada Principal da antiga estação ferroviária.

Fonte: Arquivo pessoal (2013).



Fig. 40 e fig. 41 – Pórtico de entrada do prédio principal e o portão de entrada em ferro trabalhado.

Fonte: Arquivo pessoal (2013).

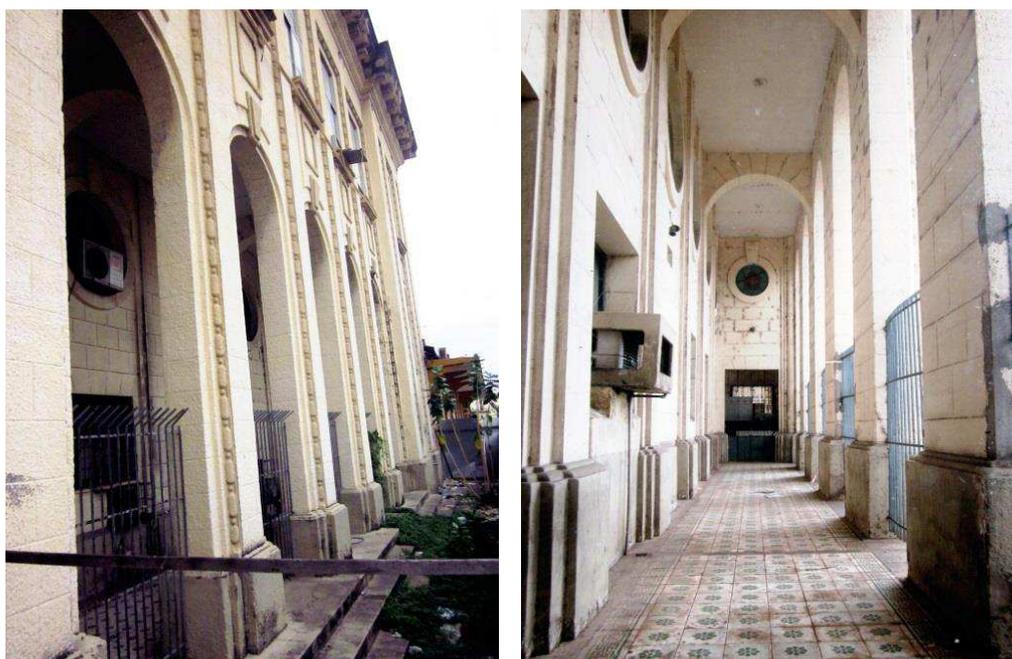


Fig. 42 e fig. 43 – Vista da arcada em arco pleno e vista do corredor externo com aberturas circulares (óculos) no mezanino.

Fonte: Arquivo pessoal (2013).

A fachada posterior possui vãos semelhantes da fachada principal no primeiro e segundo pavimento e aberturas circulares (óculos) no mezanino (Fig. 44). O térreo possui uma plataforma frontal para passageiros (FIG. 45). As fachadas laterais são originalmente idênticas e possuem aberturas retas e circulares semelhantes às fachadas frontais (FIG. 48). As fachadas são ornamentadas por pilastras, frisos, molduras e relevos (FIG. 47).



Fig. 44 – Fachada Posterior do prédio principal.
Fonte: Arquivo pessoal (2013).



Fig. 45 – Antiga plataforma de embarque e desembarque.
Fonte: Arquivo pessoal (2013).

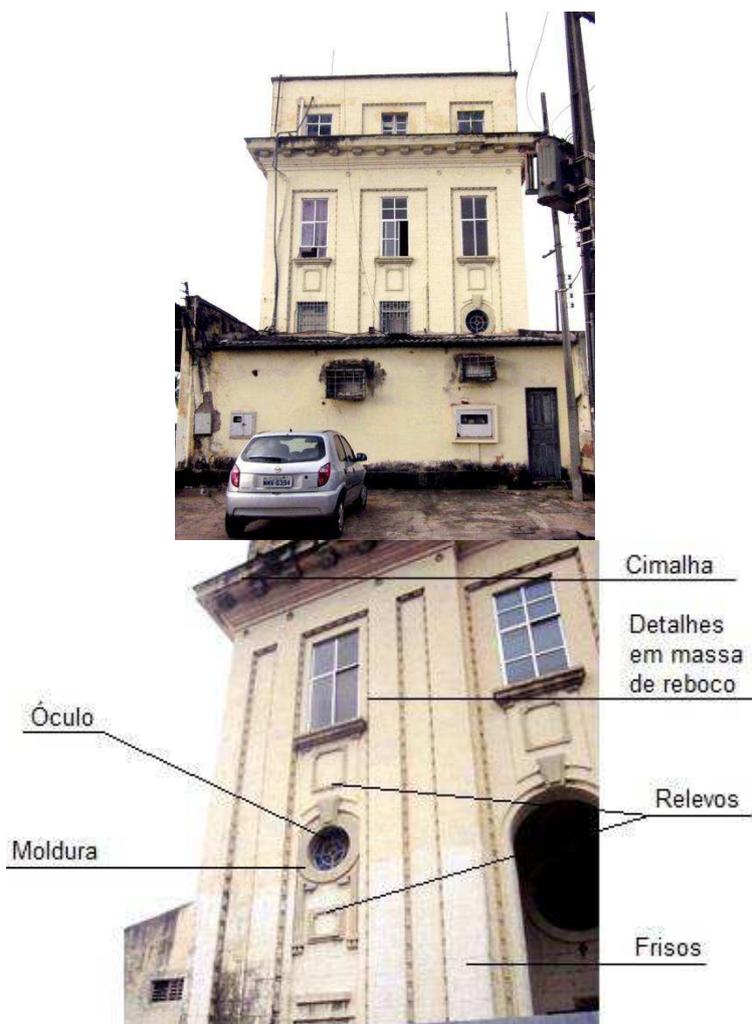


Fig. 46 e fig. 47 – Fachada lateral hoje parcialmente coberta por um anexo e vista dos elementos que ornamentam as fachadas.

Fonte: Arquivo pessoal (2013).

Sua planta baixa possui formato retangular no sentido longitudinal e é composta por quatro pavimentos: térreo, sobreloja, primeiro e segundo pavimento. Possui, ainda, escadas nas duas extremidades do edifício que levam até o primeiro pavimento. O acesso ao último pavimento é feito através de uma escada em madeira localizada no centro do primeiro pavimento.

Já o edifício térreo (FIG. 48), localizado a pouco mais de quarenta metros de distância do edifício de quatro pavimentos, possui linhas simples e dimensões bem menores do que o edifício principal. Construído com a função de depósito e armazém, o prédio em alvenaria de tijolo maciço apresentava cobertura em telha cerâmica francesa de duas águas com beirais ocultos por uma pequena platibanda. Possui janelas arqueadas com moldura simples arrematadas por cimalha nervurada e enquadradas por pilastras simples. Apresenta, ainda, marquise sustentada por mãos francesas em madeira.



Fig. 48 – Antigo armazém e depósito da Estação João Pessoa.
Fonte: Arquivo pessoal (2013).

Em 1972, a estação ferroviária ludovicense sofreu ampliação no térreo com a construção de anexos nas laterais do prédio principal, sendo um deles um galpão que interliga o edifício principal e o armazém (FIG. 49). A ampliação em alvenaria de tijolo possui linhas simples e vão de diversos tamanhos. Sua cobertura em telha de amianto possui duas águas, sendo uma delas prolongada até a linha limite da plataforma, de forma a dar continuidade à marquise já existente. Na outra extremidade do terreno foi construído um quarto prédio de arquitetura moderna, onde abrigou parte dos escritórios da RFFSA até a década de 2000 (FIG. 50). Hoje está desativado.



Fig. 49 – Vista do galpão (ao meio) que liga o antigo armazém ao prédio principal.
Fonte: Arquivo pessoal (2013).



Fig. 50 – Vista do prédio de construção mais recente.
Fonte: Arquivo pessoal (2013).

3.3 SITUAÇÃO ATUAL DO IMÓVEL

Localizado na Avenida Beira-Mar, Centro, o conjunto edificado da antiga estação ferroviária da RFFSA está atualmente sob posse da Secretaria de Segurança Pública do Estado e abriga o Plantão Central, Denarc, Delegacia de Idoso, Delegacia Fazendária e Delegacia do Primeiro Distrito (FIG. 51).



Fig. 51 – Conjunto pertencente à Secretaria de Segurança Pública do Estado.
Fonte: Arquivo pessoal (2013).

O edifício térreo datado dos anos de 1920, que servia como armazém e depósito da antiga RFFSA, hoje abriga do Denarc (FIG. 52). Sua cobertura originalmente de telha cerâmica francesa foi trocada por telha de amianto. Os vãos que originalmente eram vedados com esquadrias de madeira e vidro foram em sua maioria totalmente fechados com alvenaria e alguns substituídos por esquadrias em alumínio e vidro, grades de ferro e cobogó.

Foram adicionados nas fachadas caixas de concreto protegidos por grades para abrigarem aparelhos de ar condicionados e um toldo em alumínio e policarbonato protege a entrada principal das intempéries. O prédio possui, ainda, um sistema de proteção contra descargas atmosféricas.



Fig. 52 – Departamento de Narcóticos (Denarc).
Fonte: Arquivo pessoal (2013)

O anexo construído na década de 1970 localizado entre os dois prédios originais, o que outrora era um armazém, hoje abriga a Delegacia de Proteção ao Idoso e o Plantão Central da RFFSA (FIG. 55). A maioria das esquadrias em madeira e vidro permanecem até os dias atuais, porém protegidas por grades de ferro. Alguns destes vãos foram aproveitados para instalar aparelhos de ar condicionado. Foram instaladas três grandes portas em alumínio e vidro fumê temperado, sendo duas destinadas para acesso ao Plantão Central (FIG. 54) e uma para a Delegacia do Idoso. As mãos francesas em madeira que sustentavam a marquise da plataforma foram substituídas por estrutura metálica treliçada e o telhado de amianto substituído por telhado metálico apenas na cobertura da plataforma (FIG. 53). Também foram construídas escadas e rampas que dão acesso tanto para a Delegacia do Idoso quanto para o Denarc e Plantão Central, os quais apresentam fachadas pintadas de amarelo e laranja. Apesar da pintura estar em um estado de conservação bom de modo geral, ela não está livre algumas manchas provocadas por sujeira, umidade e biodeteriorização, além de descolamento da pintura (FIG. 53 e 54).



Fig. 53 e fig. 54 – Fachada posterior do anexo com destaque para manchas provocadas por sujeira, umidade e biodeteriorização. E porta de acesso ao Plantão Central pela Av. Beira-mar com destaque para descolamento da pintura.

Fonte: Arquivo pessoal (2013).



Fig. 55 – Fachada da Delegacia do Idoso, Plantão Central e Denarc.

Fonte: Arquivo pessoal (2013).

O edifício principal de quatro pavimentos abrigou o setor administrativo da Secretaria de Segurança e algumas delegacias especializadas dentre os anos de 1995 e 1999. Devido à mudança de uso, o prédio sofreu algumas modificações para adaptar-se à sua nova função como: troca de parte do piso de ladrilho hidráulico para piso cerâmico; substituição de boa parte das esquadrias em madeira e vidro para esquadrias em alumínio e vidro, sendo alguns adaptados para encaixar suportes de ar condicionados; conversão de parte dos vão circulares do mezanino em vão retos; adição de

divisórias em alumínio e Eucatex e bancadas fixas de atendimento em alvenaria revestida com cerâmica e tampo de pedra polida.

Com a mudança do setor administrativo para outro local, boa parte das instalações do prédio ficou desocupada. Atualmente, o prédio abriga a Delegacia do Primeiro Distrito, localizado no lado esquerdo do térreo, e Delegacia Fazendária que ocupa a ala direita do mezanino (FIG. 56 e 57). Desta forma, o edifício encontra-se com apenas 25% de suas instalações em uso e os outros 75% dos cômodos estão em desuso, o que resultou no abandono e degradação destes espaços.

O hall de entrada do prédio principal encontra-se abandonado. A divisória que divide o espaço com pé direito duplo está danificada (FIG. 58), assim como bancadas inacabadas e presença de detritos e sujeira do piso ao teto (FIG. 59). Apesar do mal estado em geral, os óculos e janela arqueada em madeira e vidro estão em bom estado e as molduras do teto estão preservadas. Não foi possível ter acesso ao lado direito do térreo e a ala esquerda do mezanino. Ambos os espaços estão fechados e sem uso.



Fig. 56 e fig. 57 – Recepção e sala de espera da Delegacia Fazendária.
Fonte: Arquivo pessoal (2012).



Fig. 58 e fig 59 – Vista de parte da divisória e teto do hall de entrada e vista do piso e bancadas do hall de entrada.

Fonte: Arquivo pessoal (2013).

O primeiro pavimento está totalmente inativo. Percebe-se uma grande quantidade de materiais e móveis de escritório e eletroeletrônicos obsoletos abandonados (FIG. 60 e 61). O estado de conservação das esquadrias presentes neste andar é regular. As janelas em madeira e vidro foram trocadas por caixilhos em alumínio e vidro frisado. As janelas duplas tiveram suas esquadrias internas em madeira mantidas (FIG. 62). As únicas esquadrias originais em madeira e vidro mantidas são a porta de acesso à sacada da fachada principal e as duas janelas estreitas nas laterais (FIG. 63). As portas originais em madeira com bandeiras arqueadas em madeira e vidro foram preservados, porém foram adicionados visores de vidro e molas em algumas (FIG. 64, 65 e 67). Percebe-se, também, instalações elétrica e de telefone aparente feitas para atender a mudança de uso do edifício (FIG. 60,

63, 65 e 69). O piso de ladrilho hidráulico presente no corredor foi mantido e o seu estado de conservação é regular (FIG. 66 e 67). Também foram mantidas as molduras no teto em estado de conservação bom, com exceção de uma sala que teve o seu teto ornamentado com sanca em gesso pintado de azul e branco (FIG. 68 e 69). As paredes do corredor são pintadas de branco e cinza escuro e as paredes das salas pintadas de creme. Nota-se a presença de umidade e biodeteriorização nos cantos superiores de algumas salas, provavelmente provocado por infiltrações. A pior situação está em uma das salas localizada na extremidade direita do andar, que possui a presença de umidade, bolor, eflorescência, descolamento de pintura e desprendimento da argamassa no teto e moldura das janelas (FIG. 70).



Fig. 60 e fig. 61 – Vista de móveis e materiais de escritório abandonados e vista de computadores e outros eletroeletrônicos quebrados deixados no local.

Fonte: Arquivo pessoal (2012).



Fig. 62 e fig. 63 – Vista de um das janelas duplas no primeiro pavimento e vista das esquadrias originais em madeira e vidro mantida.

Fonte: Arquivo pessoal (2012).



Fig. 64 e fig. 65 – Portas originais em madeira com bandeira arqueada em madeira e vidro, porém adicionado visores de vidro em algumas. E vista de porta original e instalações elétricas e telefônicas aparentes.

Fonte: Arquivo pessoal (2012).



Fig. 66 e fig. 67 – Piso de ladrilho hidráulico no corredor do primeiro pavimento e vista do corredor.

Fonte: Arquivo pessoal (2012).



Fig. 68 e fig. 69 – Vista de um dos tipos de moldura de teto e vista da sanca de gesso presentes no primeiro pavimento.

Fonte: Arquivo pessoal (2012).



Fig. 70 – Patologias presentes em uma das salas do edifício.

Fonte: Arquivo pessoal (2012).

Assim como o primeiro pavimento, o segundo andar também está abandonado, mas em situação pior do que o andar anterior. O último andar está servindo praticamente como um depósito de móveis velhos e danificados e produtos pirateados como CDs e DVDs, além de materiais de escritório e arquivos em papel deixados pelos antigos funcionários (FIG 71, 72, 73). O que antes era um grande salão, hoje está dividido em salas por divisórias cobertas com tinta cor creme. O estado de conservação das janelas é ruim. Também houve a substituição das antigas janelas em madeira e vidro por esquadrias em alumínio e vidro, com poucas exceções. Muitas destas esquadrias foram adaptadas para suportar ar condicionados, sendo alguns aparelhos abandonados no local (FIG. 72 e 73). Outros permaneceram com vãos abertos. Também foram encontradas adaptações para filtragem da luz solar usando papel pardo e plástico preto (FIG. 74 e 75). Parte do forro original em madeira

foi preservado e a outra parte foi trocado por forro de PVC branco, ambos em estado regular. A pintura das paredes em dois tons creme também está em estado ruim, com biodeteriorização, desagregações, descolamento da pintura e descolamento por empolamento (FIG. 74, 75 e 76).



Fig. 71 e fig. 72 – Salas abandonadas servindo de depósito de lixo e produtos falsificados. Vista de parte do forro em madeira.

Fonte: Arquivo pessoal.



Fig. 73 – Vista de moveis abandonados e parte do forro de PVC.
Fonte: Arquivo pessoal.



Fig. 74 e fig 75 – Vista de janelas com adaptação para suporte de ar condicionados com vidros cobertos com plástico preto e papel pardo para filtração da luz solar.
Fonte: Arquivo pessoal.



Fig. 76 – Patologias construtivas comuns no segundo pavimento.
Fonte: Arquivo pessoal.

Em se tratando de circulação vertical no interior do edifício, a construção possui tanto circulação fixa quanto mecânica, porém o elevador está desativado há alguns anos (FIG. 77). O prédio apresenta duas caixas de escadas localizadas nas extremidades do edifício que dão acesso até o primeiro pavimento. Ambas sofreram intervenções no piso com a colocação de placas de piso de borracha pastilhada na cor preta (FIG. 78 e 81). A escadaria da extremidade direita possui corrimãos em madeira talhada com as extremidades em formato de caracóis. Possui, ainda, meia-paredes com texturas finalizadas com molduras em frisos nas paredes do perímetro e molduras do mesmo formato dos corrimãos nas paredes internas que dividem os lances (FIG. 78 e 79). Já a escadaria esquerda possui uma ornamentação mais simples com guarda-corpo de balaústres e paredes pintadas na cor rosa (FIG. 80 e 81). O acesso ao segundo andar se dá por uma escada em madeira localizada no hall central do primeiro andar e encontra-se em bom estado (Fig. 82). Parte dos degraus também foi revestido com o mesmo tipo de piso de

borracha encontrado nas escadas laterais (Fig. 83). O edifício também possui escadas no interior do térreo que dão acesso ao mezanino, mas infelizmente estavam localizados em área restrita sendo impossibilitados de serem documentados.



Fig. 77 – Acesso ao elevador no primeiro andar.
Fonte: Arquivo pessoal.



Fig. 78 e fig. 79 – Lance da escada lateral direita e detalhe da meia-parede com textura.
Fonte: Arquivo pessoal.



Fig. 80 e fig. 81 – Porta-corpo de balaústre e vista dos lances da escada lateral esquerda.
Fonte: Arquivo pessoal.



Fig. 82 e fig. 83 – Vista da escada de acesso ao segundo andar e vista dos degraus em madeira parcialmente cobertos com piso de borracha.
Fonte: Arquivo pessoal.

Por fim, temos as fachadas do edifício principal em estilo eclético que encontram-se em estado de conservação regular. Pintadas na cor amarela com detalhes em marrom acinzentado, nota-se a presença de manchas em tons escuros concentrados no coroamento (platibanda e cimalha) e base das fachadas provocadas por umidade e biodeteriorização e se entende por todas as suas quatro faces (FIG. 84). Na fachada principal observa-se também a presença de biodeteriorização provocada por vegetação na platibanda e no corpo da fachada nota-se a presença de manchas esbranquiçadas em toda a sua extensão, na altura das arcadas, provocadas por eflorescência (FIG 84).

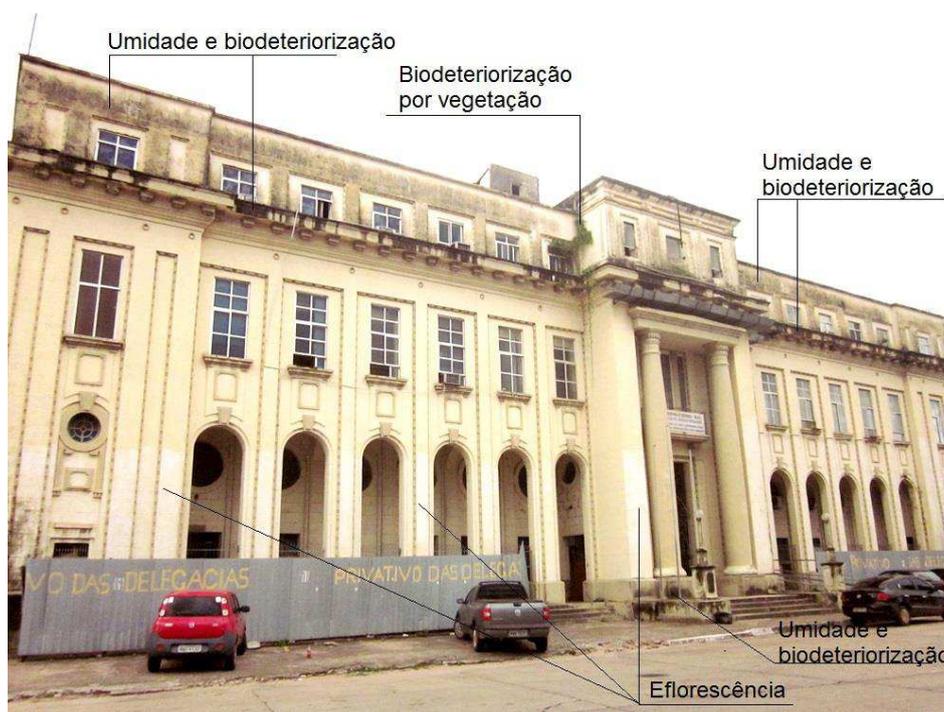


Fig. 84 – Patologias construtivas da fachada principal.
Fonte: Arquivo pessoal.

Nos corredores laterais observa-se a presença de fissuras, descolamento de pintura e manchas provocadas por sujeira, umidade, eflorescência e biodeteriorização (FIG. 85). O piso em ladrilho hidráulico dos corredores está em estado regular, apresentando manchas e fissuras (FIG. 86) e os vãos das arcadas laterais foram fechados por grades à meia altura (FIG. 87). A maioria das portas presentes nos corredores que davam acesso aos cômodos do térreo foram parcialmente fechadas com alvenaria e viraram janelas. Algumas aberturas foram criadas para encaixar suporte para máquinas de ar condicionado, os quais possuem parte de suas instalações aparentes. Algumas janelas foram protegidas por grades de ferro (FIG. 88). O piso em

ladrilho hidráulico presente na entrada do pórtico central está em estado ruim, apresentando manchas, fissuras, vegetação e pigmentação apagada (FIG. 89). Nota-se também a presença de umidade, biodeteriorização, eflorescência e descolamento de pintura nas colunas e postes ornamentais (FIG. 90). E as escadarias que levam aos corredores laterais externo tiveram seus acessos impedidos por placas metálicas (FIG. 84).



Fig. 85 – Sujeira, umidade, biodeteriorização, eflorescência e descolamento de pintura.
Fonte: Arquivo pessoal.

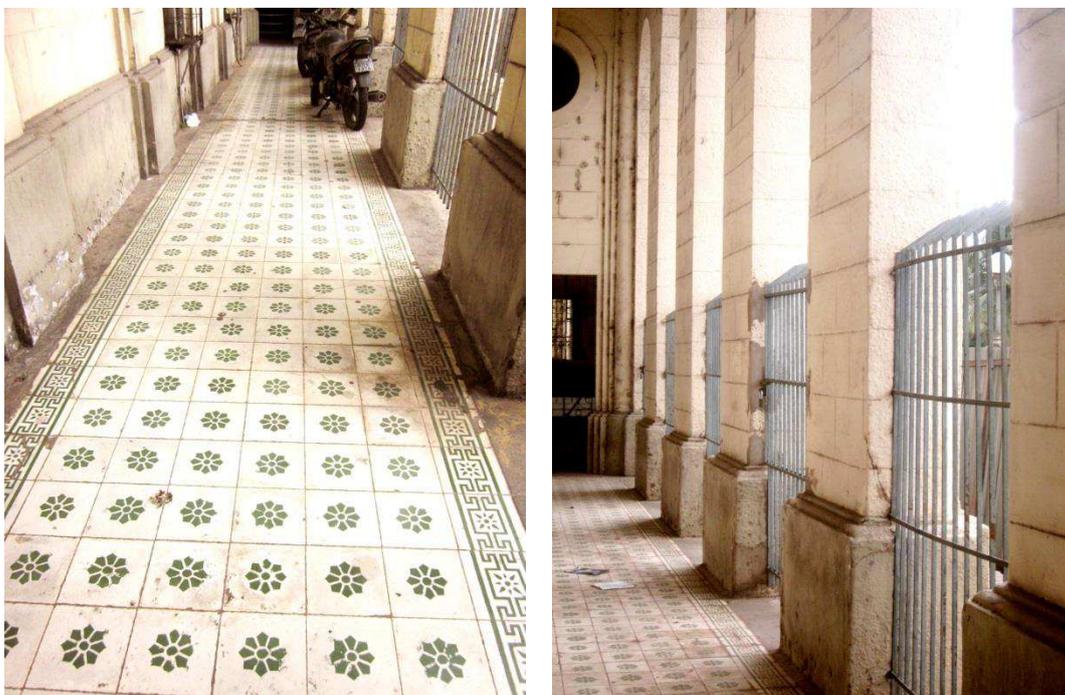


Fig. 86 e fig. 87 – Piso em ladrilho hidráulico do corredor externo e vista dos vãos da arcada fechados com grades.
Fonte: Arquivo pessoal.



Fig. 88 – Janela protegida por grade localizada no corredor externo direito.
Fonte: Arquivo pessoal.



Fig. 89 e fig. 90 – Piso e poste ornamental presentes no pórtico de entrada.
Fonte: Arquivo pessoal.

Já a fachada posterior, voltada para Avenida Beira-Mar, encontra-se em situação pior do que a fachada principal. Além da presença de descolamento de pintura e manchas provocadas por umidade e biodeteriorização, a maior parte dos vãos alterados e janelas danificadas estão localizadas nesta fachada, bem como aquelas que foram adaptadas para receber suporte de ar condicionado. Além disso, estão presentes adaptações de instalações elétricas e hidráulicas aparentes e mal planejadas. O resultado é um aspecto desorganizado, sujo e depredado (FIG. 91). A plataforma de passageiros também passou por modificações na cobertura com a adição de vigas treliçadas em balanço entre as mãos francesas e o telhado que foi trocado por telhas metálicas (FIG. 91). Os vãos que davam acesso ao térreo foram fechados com alvenaria, ficando apenas aberturas dos banheiros e para os suportes de ar condicionados (FIG. 92 e 93). Toda a extensão longitudinal da plataforma foi fechada com grade de ferro.



Fig. 91 – Situação atual da fachada posterior.
Fonte: Arquivo pessoal.



Fig. 92 e fig. 93 – Vista da estrutura da cobertura da antiga plataforma de passageiros e vãos fechados com alvenaria com suportes para ar condicionados.

Fonte: Arquivo pessoal.

4 CENTRO CULTURAL E DE LAZER DE SÃO LUÍS – ESTAÇÃO CULTURA

A escolha pela reabilitação da antiga Estação Ferroviária de São Luís, RFFSA, ocorreu pela necessidade de resgatar e valorizar as características históricas e arquitetônicas do patrimônio, hoje descaracterizadas devido a diversas alterações e adaptações ocorridas para que a edificação pudesse abrigar a Secretaria de Segurança do Estado, uso este que não contribuiu em nada para a sua importância histórica e arquitetônica.

O Comité de Ministros do Conselho da Europa de 1976 definiu reabilitação como a forma pela qual se procede à integração dos monumentos e edifícios antigos no ambiente físico da sociedade atual “através da renovação e adaptação da sua estrutura interna às necessidades da vida contemporânea, preservando ao mesmo tempo, cuidadosamente, os elementos de interesse cultural” (Madeira, 2009). E, ainda, o artigo 1º Definição e Conceitos da Carta de Lisboa, 1995, define reabilitação de um edifício como:

“Obras que têm por fim a recuperação e beneficiação de uma construção, resolvendo as anomalias construtivas, funcionais, higiênicas e de segurança acumuladas ao longo dos anos, procedendo a uma modernização que melhore o seu desempenho até próximo dos atuais níveis de exigência.”

Portanto, a reabilitação é um instrumento que possibilita a restauração e a reutilização de antigas estruturas edificadas na sociedade atual. Por ser próxima a Praça Maria Aragão – área que antigamente era utilizada como pátio de manobras da antiga Estrada de Ferro São Luís-Teresina e que hoje são realizadas diversas atividades culturais e de entretenimento – e o Laboratório de Expressões Artísticas (LABORARTE), foi decidido implantar na antiga estação ferroviária um novo polo cultural a fim de dar continuidade na promoção de arte e cultura na região, bem como contribuir para o resgate da memória local, além de usufruir da localização com vista privilegiada da paisagem urbana e natural para o estímulo ao lazer.

Portanto, conclui-se que transformar a antiga Estação Ferroviária de São Luís, RFFSA, em um Centro Cultural e de Lazer é uma boa opção para preservação e valorização histórica, arquitetônica e paisagística do patrimônio.

4.1 LEGISLAÇÕES PERTINENTES

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) define Tombamento como “um ato administrativo realizado pelo Poder Público com o objetivo de preservar, por intermédio da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados”.

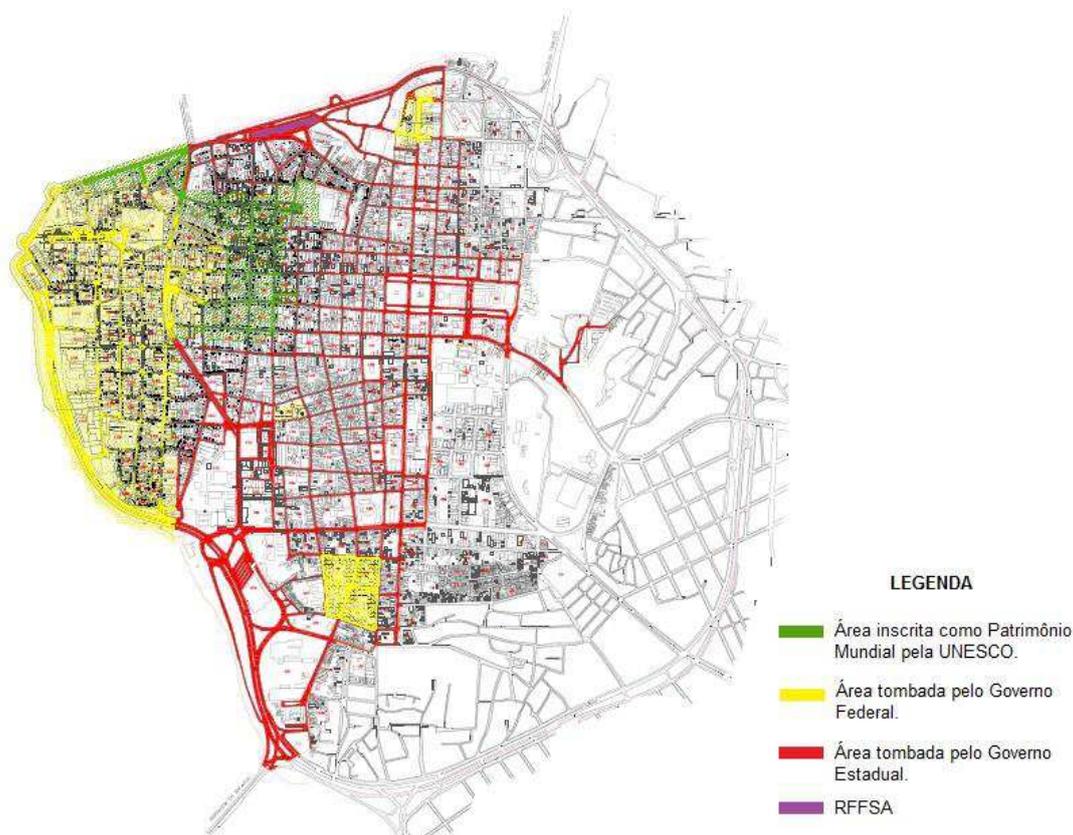


Fig. 93 – Mapa do Centro Histórico de São Luís com as delimitações das áreas protegidas.
Fonte: Departamento Histórico Artístico e Paisagístico do Maranhão (DPHAP/MA).

A cidade de São Luís possui área de tombamento estadual, área de tombamento federal e área inscrita como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO (FIG. 93). O conjunto edificado da antiga estação ferroviária de São Luís está inserido na área de tombamento estadual (DPHAP/MA) através do decreto nº 11.591, de 12 de dezembro de 1990. Entretanto, no ano de 2007, o IPHAN passou a ser responsável pela preservação dos bens da extinta RFFSA, como determina o artigo 9º da Lei 11.483, de 31 de maio de 2007:

“Caberá ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN receber e administrar os bens móveis e imóveis de valor artístico, histórico e cultural, oriundos da extinta RFFSA, bem como zelar pela sua guarda e manutenção.”

Dessa forma, a antiga estação ferroviária de São Luís é um Bem de Interesse Nacional tombado pelo IPHAN.

Para auxiliar na concepção deste projeto de revitalização em edifício histórico foi consultado o decreto-lei nº 98 de 1998 que dispõe sobre as normas e diretrizes para intervenções no Centro Histórico de São Luís, bem como as Cartas Patrimoniais as quais contêm regras de conduta que orientam na proteção do patrimônio cultural. Tais normas enfatizam, dentre vários aspectos, o respeito ao valor histórico do Patrimônio e às características arquitetônicas originais de forma a ocorrer mínima intervenção e resgatar elementos construtivos originais o máximo que puder, porém sem buscar copiar o original, “o que poderá levar a uma compreensão errônea do imóvel e de sua época.” (Decreto-Lei n.º/98 de 1998).

Também foi consultada a Legislação Urbanística Básica de São Luís, em especial o Código de Obras do município, que ajudou no pré-dimensionamento e detalhes importantes das instalações do centro cultural como um todo, além do Código de Segurança Contra Incêndio e Pânico do Estado do Maranhão que foi de importância na elaboração nos equipamentos de reunião de público (auditório e restaurante). Foram consultadas, ainda, a Portaria nº 27, de 16 de setembro de 1996, que estabelece as condições mínimas de segurança das instalações de armazenamento de recipientes transportáveis de Gás Liquefeito de Petróleo (GLP) e diretrizes e normas da ANVISA a respeito de controle higiênico-sanitário em estabelecimento de alimentos, ambos de vital importância para o funcionamento do restaurante com segurança. E por fim, a NBR 9050 sobre acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências a edificações, espaços mobiliários e equipamentos urbanos, a fim de promover a inclusão de deficientes físicos.

4.2 LEVANTAMENTO FÍSICO – ARQUITETÔNICO

Não foi possível realizar o levantamento atual do conjunto edificado por não ter conseguido autorização para ter acesso às instalações pela Secretaria de Segurança do Estado. Só foi possível ter acesso à parte do edifício principal que está abandonada, porém encontra-se impossibilitada de fazer levantamento arquitetônico devido aos equipamentos, móveis e lixo acumulados no local. Dessa forma, o trabalho baseou-se no levantamento

realizado pelo Departamento Histórico Artístico e Paisagístico do Maranhão (DPHAP-MA) no ano de 2008.

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

Situação, implantação e cobertura

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

Planta Baixa

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

Cortes e fachadas

4.3 ESTUDO PRELIMINAR

4.3.1 Programa de necessidades

O programa de necessidades do centro cultural e de lazer Estação Cultura foi desenvolvido baseado nos estudos dos centros culturais referenciados no capítulo dois, bem como na observação de atividades que os outros dois polos culturais da região (Praça Maria Aragão e LABORARTE) não possuem, de forma que o centro cultural sirva como uma complementação das atividades culturais já desenvolvidas naquela área.

1. Praça

a) Conceito: Local destinado ao lazer, convivência e apreciação.

b) Descrição: Espaço livre com jardins e bancos.

2. Espaço Lúdico

a) Conceito: Local destinado ao lazer, recreação e ao entretenimento infantil.

b) Descrição: Espaço livre equipado com brinquedos fixos.

3. Espaço Fitness

a) Conceito: Local destinado à prática de exercícios físicos.

b) Descrição: Espaço ao ar livre equipado com aparelhos de ginástica.

4. Vagão Café

a) Conceito: Estabelecimento destinado ao preparo e comercialização de cafés, doces, salgados e outras bebidas.

b) Descrição: Antigos vagões de trem reformados e adaptados para abrigar uma cafeteria.

c) Ambientes:

- Salão para degustação;
- Balcão de atendimento/caixa;
- Cozinha;
- Banheiro para funcionários;

- Depósito;
- Dispensa;
- Lixo.

5. Bar e Restaurante

a) Conceito: Estabelecimento destinado ao preparo e comercialização de refeições.

b) Descrição: Local com infraestrutura adequada para a preparação e degustação de refeições com capacidade para 200 pessoas.

c) Ambientes:

- Praça de alimentação;
- Bar;
- Balcão de atendimento/caixa;
- Cozinha;
- Despensa;
- DML;
- Banheiros para o público;
- PNE;
- Banheiros para funcionários;
- Administração;
- Carga/descarga;
- Lixo.

6. Hall de Entrada do prédio principal

a) Conceito: Local que faz a ligação entre o acesso principal e o interior de um edifício.

b) Descrição: Salão de entrada e circulação de pessoas. Controle de fluxo e atendimento ao público.

c) Ambientes:

- Balcão de atendimento/recepção
- Estares;
- Áreas para controle de acesso com catracas.

7. Salão de Exposições Temporárias

a) Conceito: Local destinado a exposições temporárias de um acervo.

b) Descrição: Salão equipado com expositores para diversos tipos de objetos de arte confeccionados pelos alunos participantes das oficinas de artes promovidas pelo centro cultural ou de produção independente.

c) Ambientes:

- Salão de exposições;
- Banheiros;
- Depósito.

8. Salão de Exposição Permanente – Memorial Ferroviário

a) Conceito: Local destinado à exposição permanente de um acervo.

b) Descrição: Salão equipado com expositores para imagens e objetos pertencentes à RFFSA.

c) Ambientes:

- Salão de Exposição;
- Banheiros;
- Depósito;

9. Auditório

a) Conceito: Local destinado às apresentações musicais, teatrais e filmes.

b) Descrição: Espaço com infraestrutura para exibição e apreciação de musicais, teatro e filmes produzidos pelos alunos participantes das oficinas de artes promovidas pelo centro cultural e produções independentes.

c) Ambientes:

- Foyer;
- Bilheteria;
- Administração;
- Banheiros para o público;
- Sala de iluminação/som/vídeo;
- Plateia;
- Palco;
- Coxia;
- Camarins;
- Banheiros para os artistas;
- Banheiros para funcionários;
- Depósito;
- Ar condicionado;

10. Hall/Recepção do setor educacional.

a) Conceito: Espaço com finalidade de receber e atender pessoas.

b) Descrição: Local onde recebe e atende alunos e visitantes, bem como controla o fluxo de pessoas.

c) Ambientes:

- Balcão de atendimento;
- Estares.

11. Sala de Leitura

a) Conceito: Local que disponibiliza um pequeno acervo de livros para leitura e estudo.

b) Descrição: Micro biblioteca para atender somente alunos inscritos nas oficinas promovidas pelo centro cultural.

c) Ambientes:

- Balcão de atendimento
- Salão de leitura;
- Área para armazenamento de livros.

12. Oficina de Artes

a) Conceito: Local destinado ao ensino de técnicas de artes plásticas.

b) Descrição: Espaço apropriado para o ensino de técnicas de desenho, pintura e escultura para uma turma de 15 alunos.

c) Ambientes:

- Salão;
- Área para bancada com pias;
- Área para bancada seca;
- Área para armazenamento de materiais.

13. Oficina de Dança

a) Conceito: Local destinado ao ensino de técnicas de danças.

b) Descrição: Espaço apropriado para o ensino de técnicas de dança de salão, sapateado e hip hop para uma turma de 20 alunos.

c) Ambientes:

- Salão com piso em madeira;
- Área para guarda-volumes.

14. Oficina de Teatro

a) Conceito: Local destinado ao ensino de técnicas de atuação para peças de teatro convencional e teatro musical.

b) Descrição: Espaço apropriado para o ensino de técnicas de atuação para uma turma de 20 alunos.

c) Ambientes:

- Salão com piso em madeira;

- Área para guarda-volumes;

15. Oficina de Canto

a) Conceito: Local destinado ao ensino de técnicas de canto.

b) Descrição: Espaço apropriado para o ensino de técnicas de canto para uma turma de 20 alunos.

16. Oficina de Fotografia

a) Conceito: Local destinado ao ensino de técnicas de fotografia.

b) Descrição: Espaço apropriado para o ensino de técnicas de fotografia com máquinas digitais para uma turma de 10 alunos.

c) Ambientes:

- Estúdio fotográfico;

- Laboratório de edição de fotos.

17. Oficina de Vídeo

a) Conceito: Local destinado ao ensino de técnicas de produção audiovisual.

b) Descrição: Espaço apropriado para o ensino de noções básicas de produção vídeos experimentais e curtas-metragens em formato digital para uma turma de 10 alunos.

c) Ambientes:

- Estúdio

- Laboratório de edição de vídeo

18. Salas Multiuso

a) Conceito: Local para realização de atividades distintas.

b) Descrição: Espaço apropriado para realização de aulas, reuniões, palestras e workshops.

19. Banheiros

a) Conceito: Local destinado ao atendimento às necessidades fisiológicas e à higiene pessoal.

b) Descrição: Espaço com infraestrutura adequada para o atendimento às necessidades fisiológicas e à higiene pessoal.

c) Ambientes:

- Banheiro masculino;

- Banheiro feminino;

- PNE.

20. Administração

a) Conceito: Local destinado ao gerenciamento do Centro Cultural.

b) Descrição: Gerenciar as atividades culturais e de eventos. Fiscalizar o setor comercial (terceirizado).

c) Ambientes:

- Recepção/Secretaria

- Sala administrativa/tesouraria

21. Diretoria

a) Conceito: Local destinado à supervisão e execução do centro cultural

22. Sala dos Professores

a) Conceito: Local de encontro do corpo docente

b) Descrição: Espaço onde os professores podem preparar suas aulas, atender alunos e repousar.

- Estares;

- Área para guarda-volumes;

- Área para guardar materiais.

23. Copa

a) Conceito: Local destinado à preparação de pequenas refeições.

b) Ambientes:

- Copa;

- Dispensa.

24. Depósito

a) Conceito: Local destinado à deposição de mercadorias.

25. Banheiros para funcionários

a) Conceito: Local destinado ao atendimento às necessidades fisiológicas e à higiene pessoal.

b) Ambientes:

- Banheiro masculino

- Banheiro feminino

- PNE

26. Depósito

a) Conceito: Local destinado à deposição de mercadorias.

27. Banheiro de serviço

a) Conceito: Local destinado ao atendimento às necessidades fisiológicas e à higiene pessoal.

b) Ambientes:

- Banheiro masculino

- Banheiro feminino

28. Subestação

a) Conceito: Local que abriga equipamentos de transmissão e distribuição de energia elétrica.

29. Caixa D'água Elevada

a) Conceito: Local para armazenamento de água potável.

30. Lixo

a) Conceito: Local para depósito temporário de lixo.

31. Combate a incêndio

a) Conceito: Conjunto de dispositivos para combate à incêndio.

4.3.2 PRÉ-DIMENSIONAMENTO E SETORIZAÇÃO DOS AMBIENTES

Tabela 1: Pré-dimensionamento dos ambientes

AMBIENTES	ÁREA MÍNIMA m²	OBSERVAÇÕES
PÚBLICO		
PRAÇA	200	
ESPAÇO LÚDICO	100	
COMÉRCIO		
VAGÃO CAFÉ		
Salão	40	30 pessoas
Atendimento/caixa	8	
Cozinha	17,60	
Banheiro para funcionários	2	1 pia e 1 sanitário
Depósito	2	
Dispensa	2	
Caixa d'água		760L
Lixo		71,6l
PNE	1,60	
W.C. funcionários	12	3 pias e 3 sanitários e 3 chuveiros
Escritórios	6,25	
Carga/descarga	20	
Lixo		402,35l (restaurante: 1L/m ²)
CULTURAL		

Tabela 1: Pré-dimensionamento dos ambientes (cont.)

HALL	57	
EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIAS		
Salão de exposições	190	
Banheiros	4 (cada)	2 pias e 2 sanitários
PNE	1,60	
Depósito	4	
EXPOSIÇÃO PERMANENTE		
Salão de exposições	190	
Depósito	4	
AUDITÓRIO		
Foyer	40	0,3 a 0,5 por pessoa
Bilheteria	2,5	
Administração	5	
Banheiro ao público	12	4 pias e 4 sanitários
PNE	1,6	

Sala iluminação/som/vídeo	6	
Plateia	110	119 pessoas
Circulação	50	
Palco	30	
Coxias	30	
Camarins	12	
Banheiros	5 (cada)	
Depósito	4	
EDUCACIONAL		
HALL/RECEPÇÃO	7	
MINI BIBLIOTECA	24	
OFICINA DE ARTES	48	
OFICINA DE DANÇA	48	
OFICINA DE TEATRO	30	
OFICINA DE CANTO	25	
OFICINA FOTOGRAFIA		
Estúdio fotográfico	16	
Laboratório edição de fotos	25	
OFICINA DE CINEMA		
Estúdio	15	
SALA MULTIUSO	30	
BANHEIROS	9,5(cada)	3 mictórios 3 vasos 3 pias
SANITÁRIOS/VESTIÁRIOS	24,5	
ADMINISTRATIVO		
ADMINISTRAÇÃO	15	
DIRETORIA	12	
SALA PROFESSORES	18	Artigo nº 210 do Código de Obras
SALA FUNCIONÁRIOS	12	
COPA	5	Copa para funcionários
DEPÓSITO	3,5	Depósito de materiais
SANITÁRIOS/VESTIÁRIOS	10 (20)	Banheiro masc. e fem.

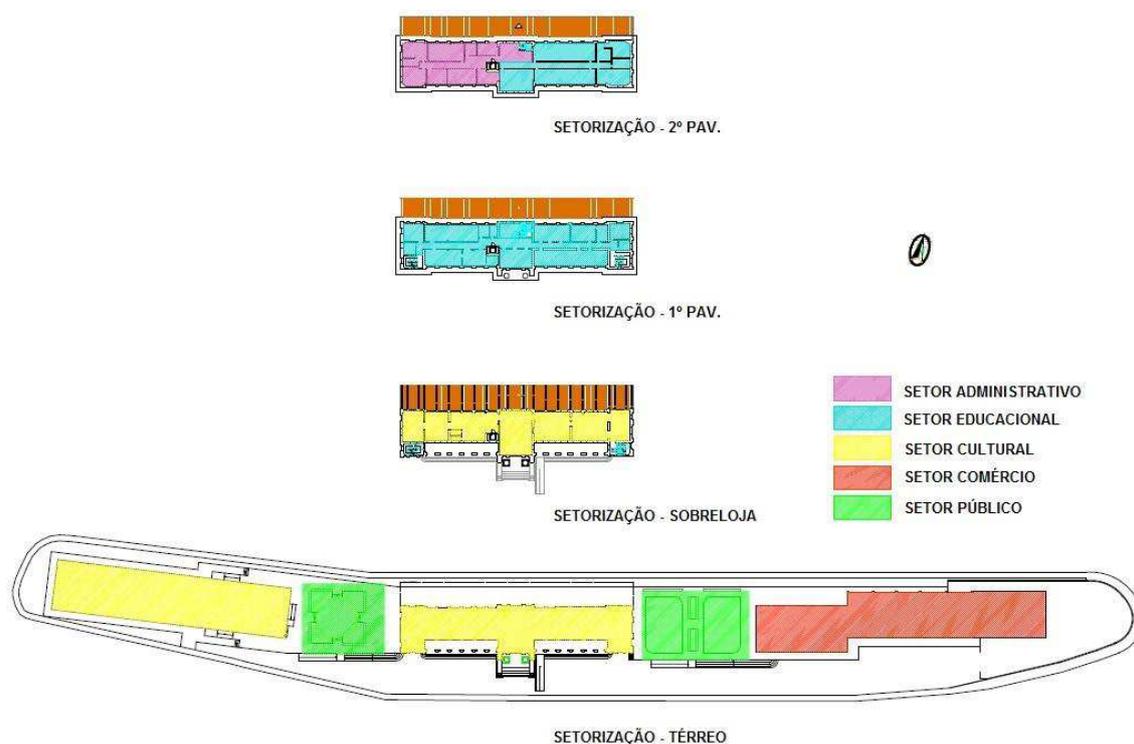


Fig. 94 – Setorização dos Ambientes da Estação Cultura.

4.4 ANTEPROJETO

4.4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

O projeto de revitalização da antiga estação ferroviária de São Luís, por meio da implantação de um centro cultural e de lazer, buscou resgatar o máximo das características arquitetônicas originais, bem como restaurar e preservar aquelas que resistiram ao tempo e às reformas ocorridas. O projeto teve como foco primordial o edifício principal em estilo eclético, no sentido de valorizar a sua arquitetura imponente, destacando-o dos demais edifícios que formam o conjunto edificado da antiga RFFSA.

Para atingir tal objetivo, algumas medidas foram tomadas. Primeiramente, foi demolido parcialmente o anexo que liga o edifício principal ao armazém original e totalmente demolido o pequeno anexo construído rente à outra extremidade do edifício, ambos os quais obstruíram parte das fachadas laterais, descaracterizando o edifício. Dessa forma, o prédio principal volta a sua integridade original. Os detalhes construtivos das fachadas laterais são restaurados, bem como os das fachadas principal e posterior. As esquadrias

originais em bom estado são conservadas, as originais danificadas são restauradas e as esquadrias em alumínio e vidro são substituídas por modelos semelhantes aos originais em madeira e vidro. E nos locais onde originalmente eram portas e janelas e que estavam fechadas parcial ou totalmente por alvenaria são reabertos e vedados com esquadrias de modelos semelhantes aos originais em madeira e vidro. A cobertura ainda possui suas características originais, portanto só será preciso de reparos.

O interior do edifício principal foi necessário passar por alterações para que abrigasse o programa de necessidades do centro cultural com funcionalidade e eficácia. As paredes originais remanescentes são mantidas, bem como os pisos em ladrilho hidráulico originais presentes na entrada principal, corredor externo, hall do térreo e corredor do primeiro pavimento. Os outros detalhes construtivos originais, como as molduras de teto e textura nas paredes, também são preservados.

No andar térreo foram demolidas duas escadas que não faziam parte da configuração original do prédio, assim como a maioria das paredes não originais, para que pudesse abrigar salões de exposições temporárias. O térreo abriga, ainda, um depósito e banheiros masculino, feminino e para deficientes físicos. A sobreloja passou por alterações semelhantes as do térreo para que pudesse abrigar salões de exposições permanentes de um acervo que retrata a história ferroviária brasileira, em especial a maranhense. As paredes não originais foram derrubadas e os vãos no piso que faziam parte das escadas demolidas foram fechados. Os três pisos da sobreloja, que antes eram isolados por dois cômodos de pé-direito duplo, pertencentes ao térreo, foram integrados através de rampas metálicas.

O primeiro pavimento foi o que passou por menos alterações. A maior mudança foi a relocação dos banheiros para as extremidades do prédio. A maioria das paredes e portas existentes foram mantidas. Dessa forma, o andar pôde abrigar as oficinas de arte, fotografia e vídeo, uma sala multiuso e uma sala de leitura. Já o segundo andar, que originalmente era um grande salão, foi dividido em cômodos por paredes de drywall, exceto nas áreas molhadas (vestiários, sanitários e copa) que foram separados por alvenaria de tijolo. As paredes de drywall que dividem as oficinas de canto, teatro e música

receberam tratamento acústico. O último andar abriga, ainda, o setor administrativo, sala dos professores e sala de descanso para funcionários. A antiga plataforma de embarque e desembarque foi revitalizada com a adição de um vagão-café com mesas e cadeiras para 30 pessoas em seu interior, além de mesas e cadeiras dispostas na plataforma.

Já o antigo armazém térreo original de arquitetura singela é o coadjuvante do projeto, mas de essencial importância. Nele foi implantado o restaurante da Estação Cultura, mais precisamente a cozinha, com a ajuda do anexo que foi parcialmente demolido, de forma que a parte preservada abriga o salão de mesas e bar do restaurante. Na outra extremidade do armazém foi modificado e ampliado o anexo existente para que pudesse abrigar os banheiros públicos, sanitários e vestiários para funcionários do restaurante, depósitos de comida e materiais de limpeza, administração e sala do chef e nutricionista.

O terceiro prédio existente na outra extremidade do terreno foi totalmente demolido e em seu lugar foi construído um auditório com capacidade para 119 pessoas. Assim como o prédio demolido, novo imóvel também é térreo e de arquitetura moderna simples, para que não interfira na visão e no foco do edifício principal, porém mais longo e estreito do que o seu antecessor. Afim de que tenha o desnível necessário para que a plateia possa ter uma boa visualização das atividades ali realizadas, o auditório foi parcialmente construído a oitenta e cinco centímetros acima do nível da rua. Com isso, a área livre existente entre o auditório e o prédio principal, localizada no nível da calçada, foi elevada ao mesmo nível da plataforma da antiga estação – sessenta e dois centímetros acima do nível da rua – para que o auditório ficasse em harmonia com o resto do conjunto que foi construído a níveis que variam entre sessenta e sessenta e cinco centímetros acima do nível da rua. A elevação desta área livre também facilitou o acesso ao auditório e a integração dele com as outras duas construções. Nesta área foi implantada a Praça da Locomotiva, onde a antiga locomotiva de trem existente no local há anos é exibida, rodeada por jardins e bancos. E a outra área livre localizada entre o edifício principal e o restaurante deu lugar ao Espaço Lúdico, equipado com playgrounds e bancos. Escadas e rampas dentro dos padrões estabelecidos pela NBR 5060 ajudam no acesso as áreas elevadas.

PLANTAS DE IMPLANTAÇÃO E COBERTURA

**PLANTAS DE DEMOLIÇÃO/CONSTRUÇÃO, PLANTA BAIXA E
LAYOUT DO TÉRREO**

**PLANTAS DE DEMOLIÇÃO/CONSTRUÇÃO, PLANTA BAIXA E
LAYOUT DA SOBRELOJA E PAVIMENTOS 1 E 2**

CORTES E FACHADAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A melhor forma de preservar um imóvel é tornando-o útil. A reabilitação de edifícios históricos permite que aqueles imóveis que, por algum motivo, não podem mais cumprir com a sua função original tornem-se aptos para o desempenho de um novo uso, resultando na renovação e preservação desses Bens.

Entretanto, a reabilitação de um edifício histórico não será eficiente se não for feita respeitando as características arquitetônica e histórica da edificação, como aconteceu com a antiga estação da RFFSA ao deixar de ser uma estação ferroviária e de passageiros para se tornar parte integrante da Secretaria de Segurança do Estado. O novo uso ajudou a preservar parte dos elementos construtivos remanescentes, porém o mau planejamento da implantação da Secretaria de Segurança na construção também contribuiu na descaracterização e degradação de componentes importantes de sua arquitetura, somando o fato de que o novo uso não auxilia na preservação do valor histórico do local.

Por esse motivo, este trabalho apresenta uma nova proposta de reabilitação da antiga estação ferroviária da RFFSA, através da implantação de um centro cultural de lazer, por acreditar que o novo uso pode contribuir melhor na recuperação e preservação de seu valor arquitetônico e histórico, assim como no auxílio da produção de arte e cultura já existente na região. A inclusão de equipamentos de lazer no programa de necessidades torna a Estação Cultura mais atrativa, podendo resultar em impactos positivos em outros setores como o turístico e o econômico de São Luís.

Portanto, conclui-se que a implantação da Estação Cultura não só resgataria um patrimônio arquitetônico e histórico de São Luís, mas também beneficiaria o desenvolvimento da cidade e seus habitantes.

REFERÊNCIAS

CARDOSO & NOGUEIRA, Maria Cecília D. **Projeto de Implementação do Centro de Cultura de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, v.23, n2. p.203-216, jul/dez. 1994. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>> Acesso em 20 de dezembro de 2012.

Carta da Reabilitação Urbana Integrada - **Carta de Lisboa**, 1995.

Centro Cultural de Araras – São Paulo. Portal Concurso de Projetos, 28 de outubro de 2009. Disponível em: <http://concursosdeprojeto.org/2009/10/28/centro-cultural-de-araras-sao-paulo/> > Acesso em dezembro de 2012.

Centro Cultural do Araripe. Disponível em: <http://culturacrato.blogspot.com.br/p/centro-cultural.html>> Acesso em dezembro de 2012.

Centro Cultural e Comercial, Belém-PA. Portal Arcoweb, 11 de Maio de 2001. Disponível em: <http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/paulo-chaves-fernandes-e-rosario-lima-centro-cultural-11-05-2001.html> > Acesso em dezembro de 2012.

Centro Cultural Jabaquara é Opção de Lazer, 28 de outubro de 2008. Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/jabaquara/noticias/?p=3611> > Acesso em 20 de dezembro de 2012.

Centro Nacional de Arte Georges Pompidou. In Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2012. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$centro-nacional-de-arte-georges-pompidou](http://www.infopedia.pt/$centro-nacional-de-arte-georges-pompidou)>. Acesso em 12 de dezembro de 2012.

CORBIOLI, Nanci. **Centro Cultural Araras, SP**. Portal Arcoweb, 06 de Janeiro de 2010. Disponível em: <http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/aum-arquitetos-centro-cultural-06-01-2010.html> > Acesso em dezembro de 2012.

Crato – Estação Ferroviária do Estado do Ceará. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/ce_crato/crato.htm> Acesso em dezembro de 2012.

DINES, Yara Schreiber. **Cidadelas da Cultura no Lazer:** um estudo de antropologia da imagem do SESC São Paulo. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: < http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4701> Acesso em dezembro de 2012.

EDUARDO, Agnaldo Adélio; CASTELNOU, Antônio Manuel Nunes. **Bases Para O Projeto de Centros de Cultura e Arte.** Revista Terra e Cultura, nº 45, ano 23, Agosto a Dezembro 2007. Disponível em: < http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/terra_cultura/n45/terra_10.pdf> Acesso em junho de 2013.

Estação das Docas [homepage na Internet]. Disponível em: <http://www.estacaodasdocas.com.br/institucional/sobre/> > Acesso em dezembro de 2012.

FERRAZ , Marcelo. **Numa velha fábrica de tambores.** SESC-Pompéia comemora 25 anos. Abril de 2008. São Paulo, SP. Disponível em : <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/08.093/1897> > Acesso em dezembro de 2012.

Histórico. Site do Centro de Criatividade Odylo Costa Filho. Disponível em: <http://www.cultura.ma.gov.br/portal/ccocf/index.php> > Acesso em dezembro de 2012.

Histórico. Site do Centro Cultural São Paulo. Disponível em: <http://www.centrocultural.sp.gov.br/CCSP_historico.html> Acesso em 20 de dezembro de 2012.

Histórico da Biblioteca Paulo Duarte. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/pauloduarte/index.php?p=194 Acesso em 20 de dezembro de 2012.

LOBATO, Renato. **Estação das Docas de Belém do Pará**: um resgate da história do porto da cidade. Disponível em: <http://www.thegreenclub.com.br/urbanismo/estacao-das-docas/> > Acesso em dezembro de 2012.

LOPES, José Antônio Viana. **São Luís Ilha do Maranhão e Alcântara**: guia de arquitetura e paisagem. São Luís, Ed. Bilíngüe, 2008.

MACIEL, Ana Paula; GARCIA, Fernanda Ghirotto; MAGALHÃES, Maria Angélica M. Q. Presente Histórico: o antigo e o novo na obra de Lina Bo Bardi. Disponível em: http://www.docomobahia.org/linabobardi_50/1.pdf > Acesso em dezembro de 2012.

MADEIRA, Cátia A. C. Luís. **A Reabilitação Habitacional em Portugal**. Lisboa, Maio de 2009. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/46657266/A-Reabilitacao-Habitacional-em-Portugal-A-Avaliacao-dos-Programas-RECRIA-REHABITA-RECRIPH-E-SOLARH>> Acesso: 31 de outubro de 2012.

MENDONÇA, Dihelson. **O Crato já Possui o seu Centro Cultural desde 2006**. Publicado em 15 de novembro de 2010. Disponível em: <http://www.crato.org/chapadadoararipe/2010/11/15/o-crato-ja-possui-o-seu-centro-cultural-desde-2006-por-dihelson-mendonca/> > Acesso em dezembro de 2012.

MILANESI, Luis. **A Casa da Invenção**. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=mcn-EjUhrv8C&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false> > acesso em 20 de dezembro de 2012.

NEVES, Diogo Gualharo. **Ferrovias São Luís-Teresina**: história e cultura. Universidade Federal do Maranhão. São Luís, MA. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=2993> > Acesso em dezembro de 2012.

PELLEGRIN, A. **Equipamento de lazer**. In: GOMES, C.L. Dicionário Crítico do Lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.69-73. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/109975386/Livro-Dicionario-critico-do-Lazer-Christianne-Luce-Gomes> > Acesso em dezembro de 2012.

RAMOS, Luciene Borges. **O Centro Cultural como Equipamento Disseminador de Informação**: Um Estudo Sobre a Ação do Galpão Cine Horto. Tese de Dissertação. Escola de Ciência da Informação da UFMG, Belo Horizonte, maio de 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VALA-74QJRP/mestrado___luciene_borges_ramos.pdf;jsessionid=A7C78CEAEA33DD9781B1AE43D5257945?sequence=1 > Acesso em 20 de dezembro de 2012.

Trinta Obras que são Referência Para a Arquitetura Brasileira, 02 de Março de 2005. Disponível em: <http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/30-projetos-obras-chaves-para-02-03-2005.html> > Acesso em 20 de dezembro de 2012.

ANEXOS



VISTA DA FACHADA PRINCIPAL



VISTA DA FACHADA POSTERIOR



VISTA DE TOPO



PERPECTIVA DA FACHADA POSTERIOR



FACHADA PRINCIPAL DO EDIFÍCIO



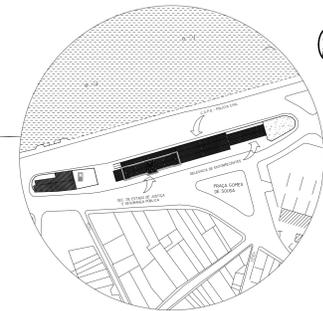
PERSPECTIVA DA PRAÇA DA LOCOMOTIVA E AUDITÓRIO



PERSPECTIVA DO ESPAÇO LÚDICO E RESTAURANTE

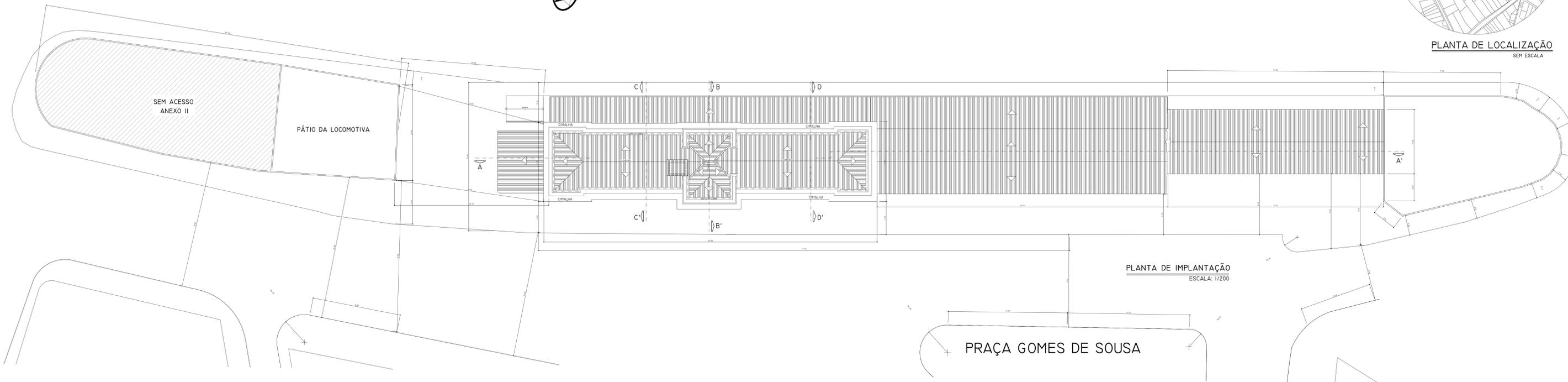


PERSPECTIVA DA FACHADA PRINCIPAL DO RESTAURANTE



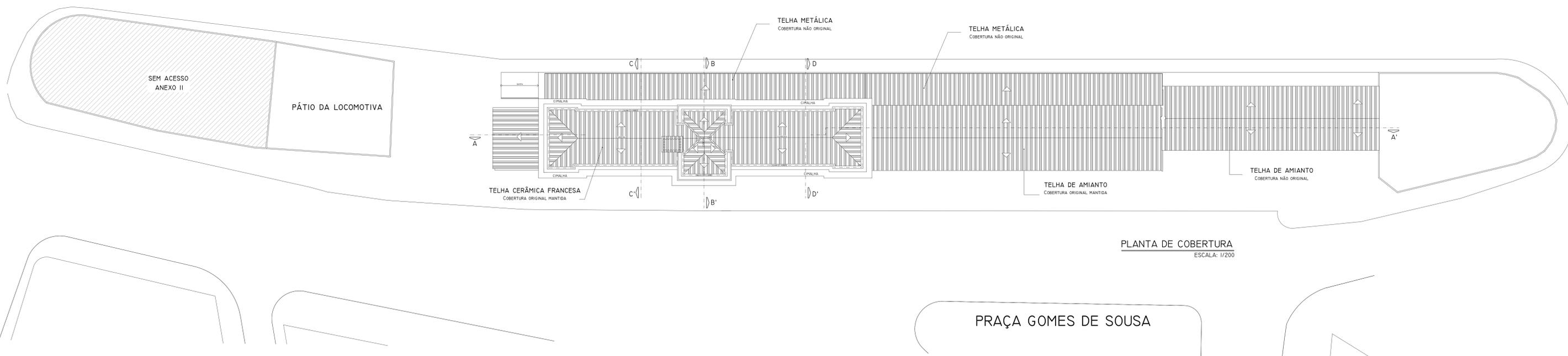
PLANTA DE LOCALIZAÇÃO
SEM ESCALA

AV. PRESIDENTE JOSÉ SARNEY



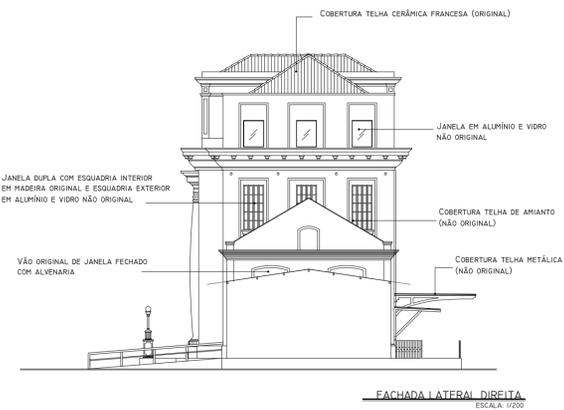
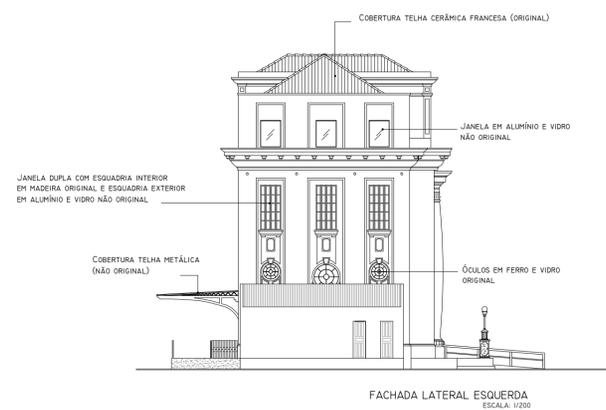
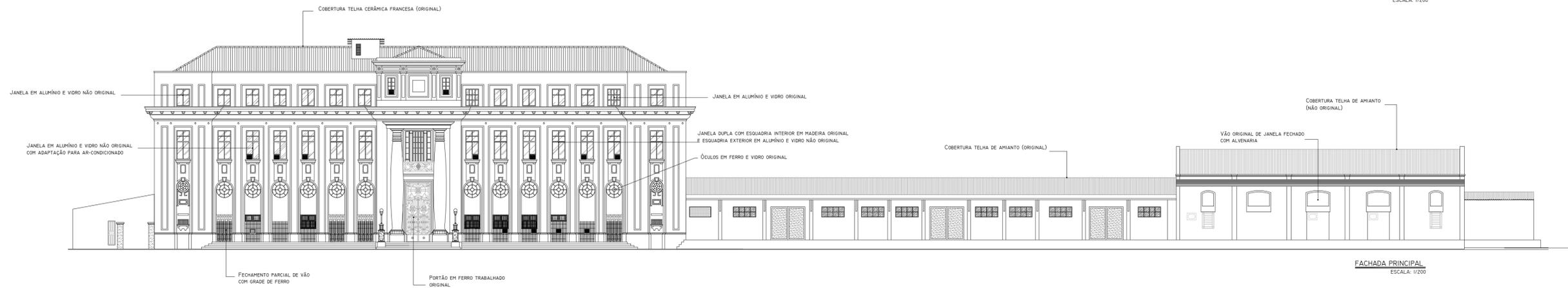
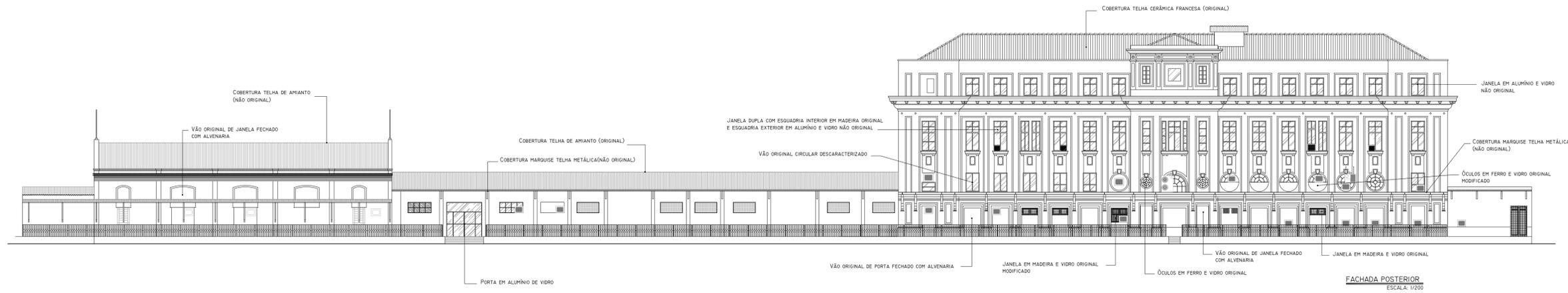
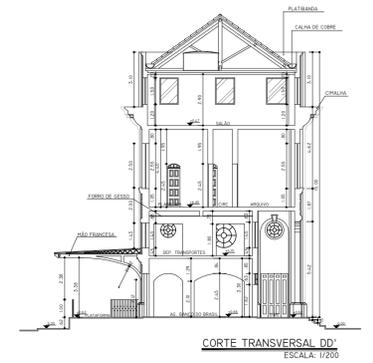
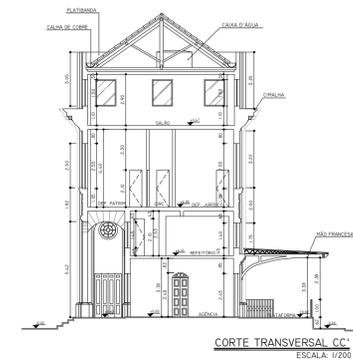
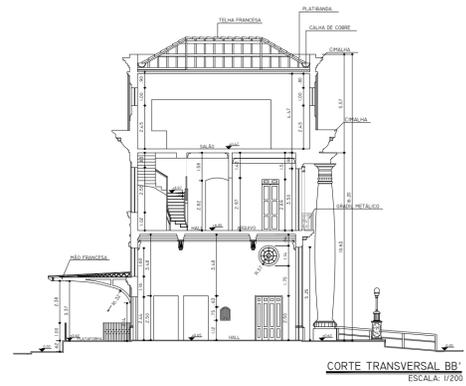
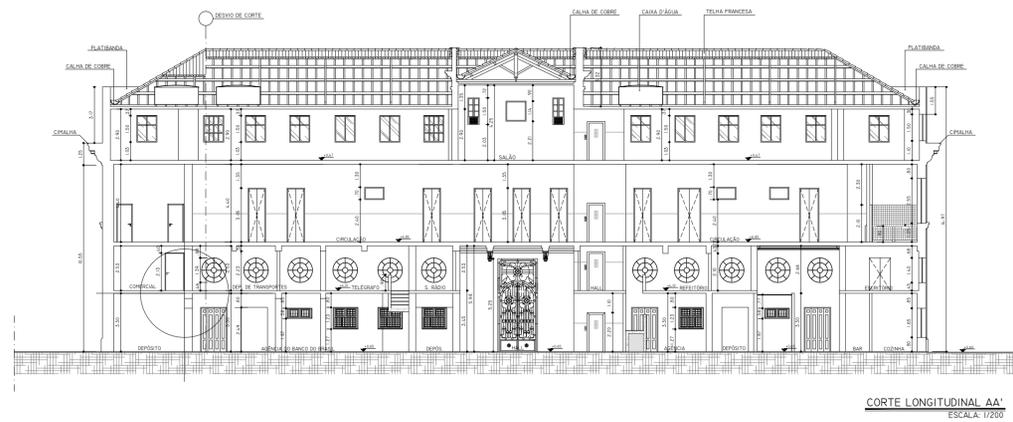
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
ESCALA: 1/200

AV. PRESIDENTE JOSÉ SARNEY



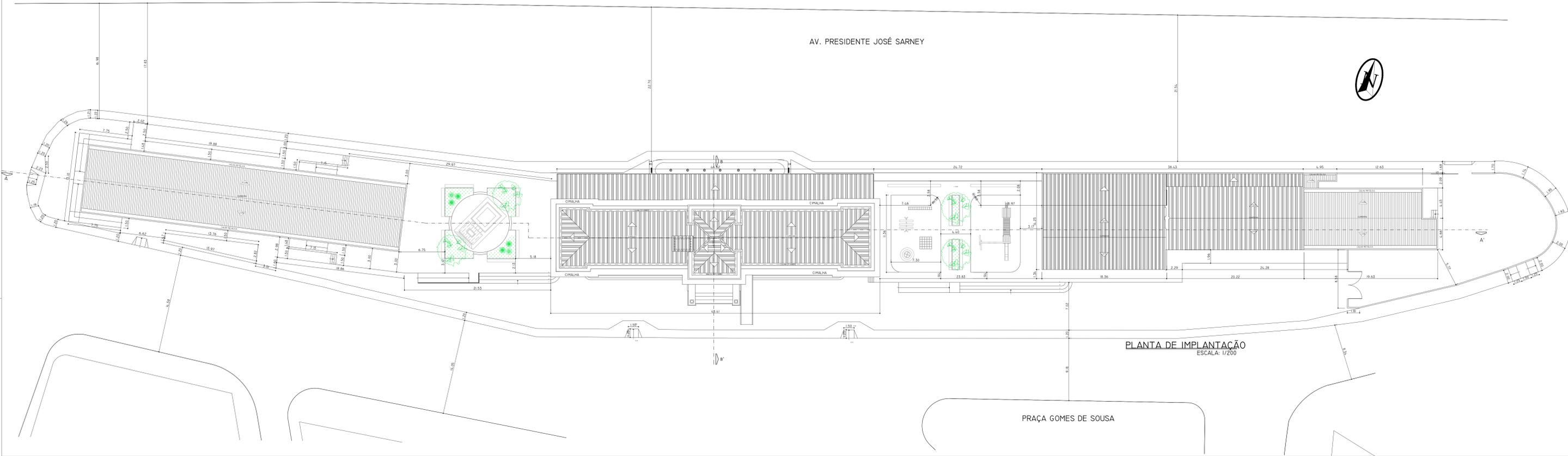
PLANTA DE COBERTURA
ESCALA: 1/200

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO				
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO				
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO				
PROJETO	REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIO HISTÓRICO DA ANTIGA ESTAÇÃO DA RFFSA	DATA	07/2013	
LOCALIDADE	AVENIDA BEIRA-MAR, CENTRO	REVISÃO	0	
ALUNA	DAYANE SILVA PESSÔA	CÓDIGO	0713223	
DESCRIÇÃO	LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO - SITUAÇÃO, IMPLANTAÇÃO E COBERTURA.	FRANCHA Nº		01/07
ESCALA	1:200	FORMATO	A0	ÁREA DO TERRENO: 4.724M ² / ÁREA CONSTRUÍDA: 3218M ²



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO							
PROJETO	REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIO HISTÓRICO DA ANTIGA ESTAÇÃO DA RFFSA CENTRO CULTURAL E DE LAZER - ESTAÇÃO CULTURA						
LOCALIDADE	AVENIDA BEIRA-MAR, CENTRO						
ALUNA	DAYANE SILVA PESSÔA						
DESCRIÇÃO	LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO - CORTES E FACHADAS						
DATA	07/2013	REVISÃO	0	CÓDIGO	0713223	FRANCHA Nº	03/07
ESCALA	1:200	FORMATO	A1	ÁREA DO TERRENO:	4754M ²	ÁREA CONSTRUÍDA:	3878M ²

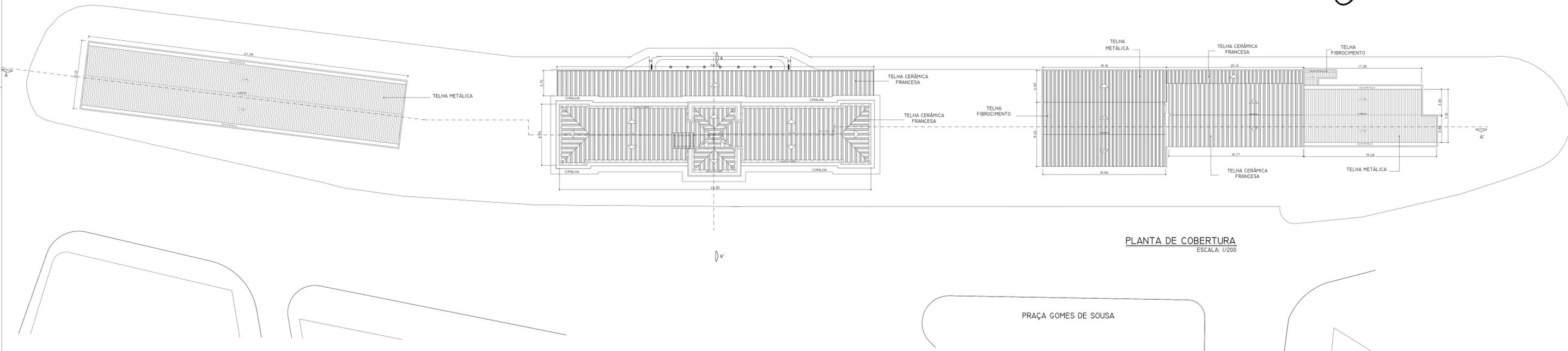
AV. PRESIDENTE JOSÉ SARNEY



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
ESCALA: 1/200

PRAÇA GOMES DE SOUSA

AV. PRESIDENTE JOSÉ SARNEY



PLANTA DE COBERTURA
ESCALA: 1/200

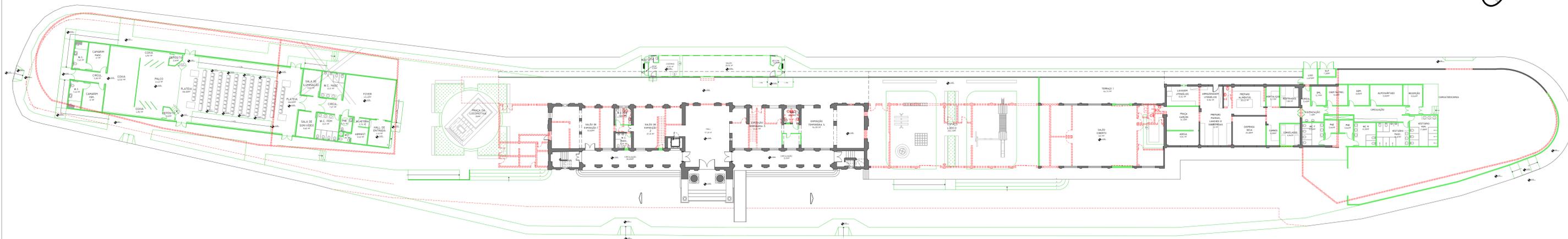
PRAÇA GOMES DE SOUSA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

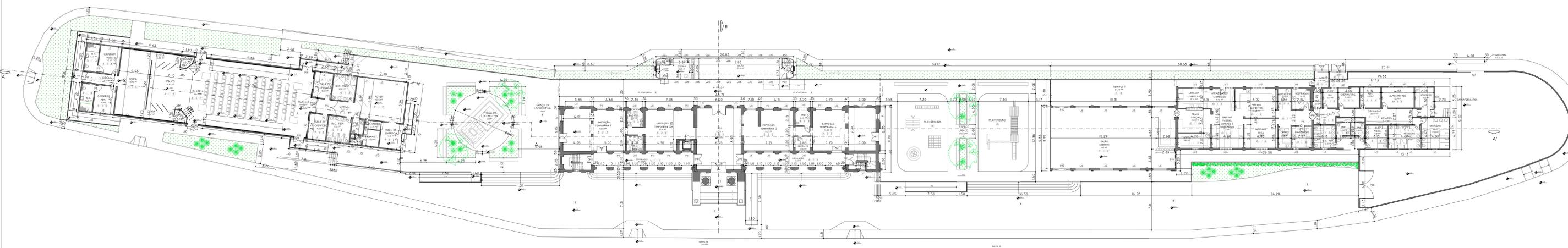


PROJETO: REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIO HISTÓRICO DA ANTIGA ESTAÇÃO DA RFFSA	DATA: 07/2013
LOCALIDADE: AVENIDA BEIRA-MAR, CENTRO	REVISÃO: 0
ALUNA: DAYANE SILVA PESSÓA	CÓDIGO: 0713223
DESCRIÇÃO: PROJETO ARQUITETÔNICO - PLANTAS DE IMPLANTAÇÃO E COBERTURA	FRANCHA Nº: 04/07

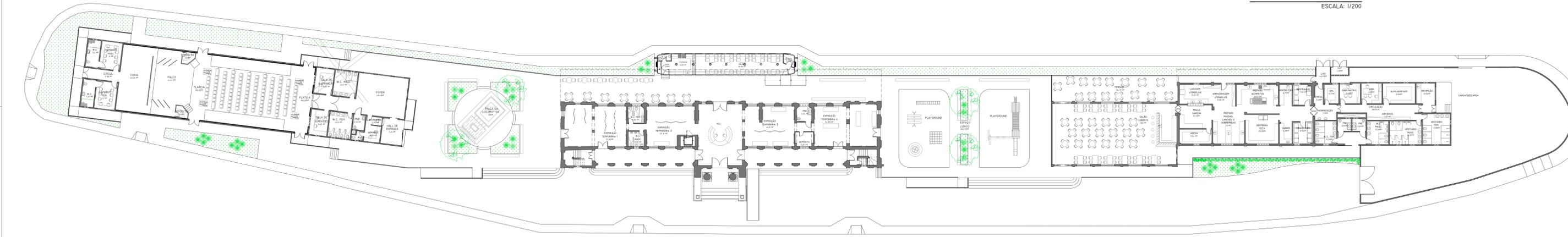
ESCALA: 1:200 FORMATO: A0 ÁREA DO TERRENO: 4.754M² ÁREA CONSTRUÍDA:



PLANTA DE DEMOLIÇÃO/CONSTRUÇÃO - TÉRREO
ESCALA: 1/200



PLANTA BAIXA - TÉRREO
ESCALA: 1/200



LAYOUT - TÉRREO
ESCALA: 1/200

ESPECIFICAÇÕES	QUADRO DE ESQUADRIAS - PORTAS	QUADRO DE ESQUADRIAS - JANELAS
PAREDE	QUADRO DE ESQUADRIAS - PORTAS	QUADRO DE ESQUADRIAS - JANELAS
1. PAREDE COM ACABAMENTO DE TELA LATEX PINTADO EM BRANCO.	P1 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J1 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
2. PAREDE COM ACABAMENTO DE TELA LATEX PINTADO EM BRANCO COM CLASSE DA SINALIZADA.	P2 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J2 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
3. PAREDE COM ACABAMENTO DE TELA LATEX PINTADO EM BRANCO COM CLASSE DA SINALIZADA COM REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P3 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J3 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
4. PAREDE COM ACABAMENTO DE TELA LATEX PINTADO EM BRANCO COM CLASSE DA SINALIZADA COM REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P4 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J4 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
5. PAREDE COM ACABAMENTO DE TELA LATEX PINTADO EM BRANCO COM CLASSE DA SINALIZADA COM REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P5 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J5 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
6. PAREDE COM ACABAMENTO DE TELA LATEX PINTADO EM BRANCO COM CLASSE DA SINALIZADA COM REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P6 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J6 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
7. PAREDE COM ACABAMENTO DE TELA LATEX PINTADO EM BRANCO COM CLASSE DA SINALIZADA COM REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P7 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J7 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
8. PAREDE COM ACABAMENTO DE TELA LATEX PINTADO EM BRANCO COM CLASSE DA SINALIZADA COM REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P8 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J8 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
9. PAREDE COM ACABAMENTO DE TELA LATEX PINTADO EM BRANCO COM CLASSE DA SINALIZADA COM REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P9 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J9 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
10. PAREDE COM ACABAMENTO DE TELA LATEX PINTADO EM BRANCO COM CLASSE DA SINALIZADA COM REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P10 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J10 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
PISO	QUADRO DE ESQUADRIAS - PORTAS	QUADRO DE ESQUADRIAS - JANELAS
1. PISO DE LAMINADO HIGIENIZADO.	P11 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J11 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
2. PISO DE LAMINADO HIGIENIZADO COM LIXA FINA.	P12 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J12 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
3. PISO DE LAMINADO HIGIENIZADO COM LIXA FINA E REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P13 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J13 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
4. PISO DE LAMINADO HIGIENIZADO COM LIXA FINA E REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P14 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J14 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
5. PISO DE LAMINADO HIGIENIZADO COM LIXA FINA E REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P15 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J15 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
6. PISO DE LAMINADO HIGIENIZADO COM LIXA FINA E REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P16 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J16 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
7. PISO DE LAMINADO HIGIENIZADO COM LIXA FINA E REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P17 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J17 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
8. PISO DE LAMINADO HIGIENIZADO COM LIXA FINA E REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P18 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J18 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
9. PISO DE LAMINADO HIGIENIZADO COM LIXA FINA E REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P19 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J19 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
10. PISO DE LAMINADO HIGIENIZADO COM LIXA FINA E REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P20 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J20 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
TETO	QUADRO DE ESQUADRIAS - PORTAS	QUADRO DE ESQUADRIAS - JANELAS
1. TETO DE CONCRETO COM ACABAMENTO DE TELA LATEX PINTADO EM BRANCO.	P21 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J21 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
2. TETO DE CONCRETO COM ACABAMENTO DE TELA LATEX PINTADO EM BRANCO COM CLASSE DA SINALIZADA.	P22 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J22 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
3. TETO DE CONCRETO COM ACABAMENTO DE TELA LATEX PINTADO EM BRANCO COM CLASSE DA SINALIZADA COM REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P23 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J23 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
4. TETO DE CONCRETO COM ACABAMENTO DE TELA LATEX PINTADO EM BRANCO COM CLASSE DA SINALIZADA COM REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P24 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J24 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
5. TETO DE CONCRETO COM ACABAMENTO DE TELA LATEX PINTADO EM BRANCO COM CLASSE DA SINALIZADA COM REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P25 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J25 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
6. TETO DE CONCRETO COM ACABAMENTO DE TELA LATEX PINTADO EM BRANCO COM CLASSE DA SINALIZADA COM REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P26 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J26 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
7. TETO DE CONCRETO COM ACABAMENTO DE TELA LATEX PINTADO EM BRANCO COM CLASSE DA SINALIZADA COM REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P27 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J27 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
8. TETO DE CONCRETO COM ACABAMENTO DE TELA LATEX PINTADO EM BRANCO COM CLASSE DA SINALIZADA COM REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P28 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J28 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
9. TETO DE CONCRETO COM ACABAMENTO DE TELA LATEX PINTADO EM BRANCO COM CLASSE DA SINALIZADA COM REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P29 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J29 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)
10. TETO DE CONCRETO COM ACABAMENTO DE TELA LATEX PINTADO EM BRANCO COM CLASSE DA SINALIZADA COM REVESTIMENTO DE CIMENTO PORTLAND (1,20m x 2,10m)	P30 - PORTA DE ABERTURA EM MADEIRA COM ACABAMENTO DE MADEIRA (1,20m x 2,10m)	J30 - JANELA SIMPLES EM ALUMÍNIO BRANCO E VIDRO (1,20m x 1,80m)

LEGENDA

- PAREDE A CONSERVAR
- PAREDE A DEMOLIR
- PAREDE A CONSTRUIR
- PAREDE EM ALVENARIA
- PAREDE DE TITANIL
- A CONSERVAR
- A DESTRUIR
- A CONSTRUIR

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

PROJETO: REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIO HISTÓRICO DA ANTIGA ESTAÇÃO DA RFFSA
CENTRO CULTURAL E DE LAZER - ESTAÇÃO CULTURAL

LOCALIDADE: AVENIDA BEIRA-MAR, CENTRO

ALUNA: DAYANE SILVA PESSÓA

DESCRIÇÃO: PROJETO ARGUITÉTICO - PLANTA DE DEMOLIÇÃO/CONSTRUÇÃO, PLANTA BAIXA E LAYOUT - TÉRREO

DATA: 07/2013

REVISÃO: 0

CÓDIGO: 0713223

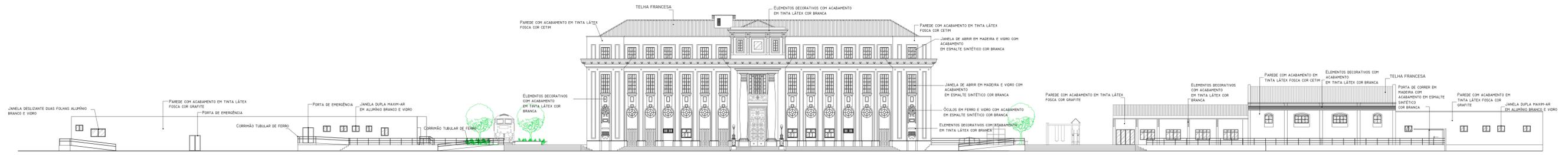
FRANCA Nº: 05/07

ESCALA: 1:200

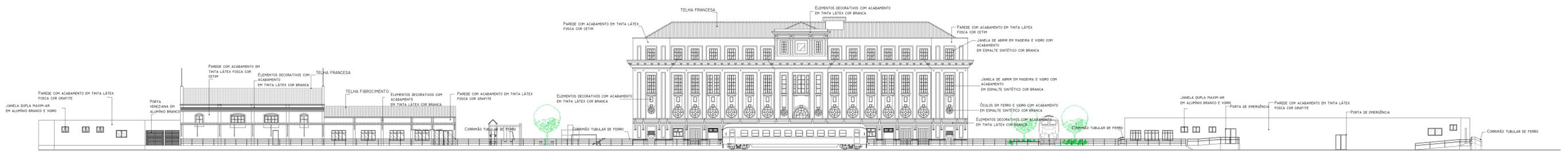
FORMATO: A0

ÁREA DO TERRENO: 4.754M²

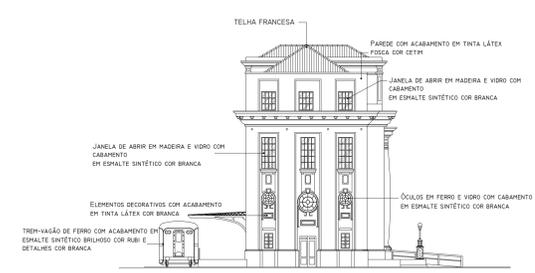
ÁREA CONSTRUIDA:



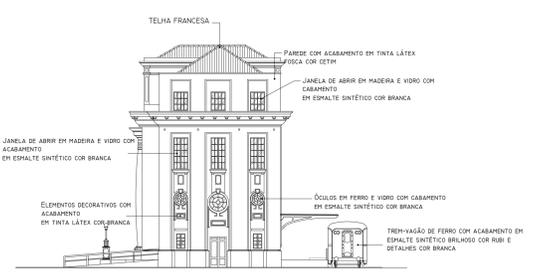
FACHADA PRINCIPAL
ESCALA: 1/200



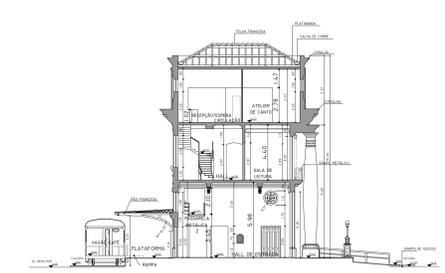
FACHADA POSTERIOR
ESCALA: 1/200



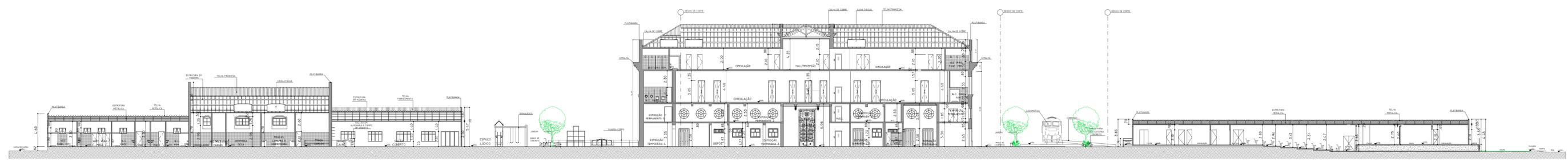
FACHADA PRÉDIO PRINCIPAL - LATERAL ESQUERDA
ESCALA: 1/200



FACHADA PRÉDIO PRINCIPAL - LATERAL DIREITA
ESCALA: 1/200



CORTE TRANSVERSAL BB'
ESCALA: 1/200



CORTE LONGITUDINAL AA'
ESCALA: 1/200

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO			
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO			
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO			
PROJETO	REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIO HISTÓRICO DA ANTIGA ESTAÇÃO DA RFFSA	DATA	07/2013
LOCALIDADE	AVENIDA BEIRA-MAR, CENTRO	REVISÃO	0
ALUNA	DAYANE SILVA PESSÓA	CÓDIGO	0713223
DESCRIÇÃO	PROJETO ARQUITETÔNICO - FACHADAS E CORTES	FRANCHA Nº	07/07
ESCALA	1:200	FORMATO	A0
ÁREA DO TERRENO	4.754M ²	ÁREA CONSTRUÍDA	